

ACTIVIDADES DE ENRIQUECIMENTO CURRICULAR

**Programa das Actividades de Enriquecimento Curricular
no 1º. Ciclo do Ensino Básico**

Relatório Pedagógico
2009/2010



CAP – Comissão de Acompanhamento do Programa

ÍNDICE GERAL

ÍNDICE DE TABELAS	4
ÍNDICE DE FIGURAS	7
APRESENTAÇÃO	8
CONCLUSÕES	10
RECOMENDAÇÕES	14
1. NOTA METODOLÓGICA	16
2. ACOMPANHAMENTO GLOBAL DO PROGRAMA	19
2.1. APOIO AO ESTUDO	21
2.2. ACTIVIDADES DE INGLÊS, FÍSICA E DESPORTIVA, MÚSICA E OUTRAS ACTIVIDADES	24
2.3. PERFIL DOS PROFESSORES E TÉCNICOS	26
2.3.1 PROFESSORES TITULARES DE TURMA.....	26
2.3.2 TÉCNICOS DAS AEC.....	27
2.4. ESPAÇOS UTILIZADOS	30
2.5. RECURSO ÀS TIC	34
2.6. COMPONENTE PEDAGÓGICA	34
2.6.1 APOIO AO ESTUDO.....	34
2.6.2 ORIENTAÇÕES PROGRAMÁTICAS.....	35
2.6.3 COMPETÊNCIAS DESENVOLVIDAS.....	37
2.6.4 REGISTO DOS SUMÁRIOS E AVALIAÇÃO.....	38
2.7. ARTICULAÇÃO CURRICULAR	41
2.7.1 ARTICULAÇÃO HORIZONTAL	42
2.7.2 ARTICULAÇÃO VERTICAL ENTRE TÉCNICOS DAS AEC E DOCENTES DOS 2º E 3º CICLOS DO AGRUPAMENTO	44
2.7.3 APOIO AO ESTUDO.....	45
2.8. SUPERVISÃO PEDAGÓGICA	46
2.9. OBSERVAÇÃO DAS ACTIVIDADES	50
2.9.1 MATERIAL DIDÁCTICO	50
2.9.2 DOCUMENTOS	51
2.9.3 RECURSO ÀS TIC.....	51
2.9.4 PLANIFICAÇÃO	52
2.9.5 REGISTO DE SUMÁRIOS.....	53
2.9.6 INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO	54
2.9.7 NÍVEL DE ADEQUAÇÃO.....	55
2.9.8 AO NÍVEL DAS INTERACÇÕES SOCIAIS NA SALA DE AULA.....	58
2.9.9 AO NÍVEL DAS ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS E APRENDIZAGENS DOS ALUNOS	59
2.9.10. AO NÍVEL DA CULTURA DE ESCOLA	61

2.10. VISITAS DE ACOMPANHAMENTO – EVOLUÇÃO DA SITUAÇÃO	62
2.10.1 ARTICULAÇÃO HORIZONTAL	62
2.10.2 ARTICULAÇÃO VERTICAL ENTRE TÉCNICOS AEC E DOCENTES DOS 2º E 3º CICLOS DO AGRUPAMENTO	64
2.10.3 APOIO AO ESTUDO	64
2.10.4. SUPERVISÃO PEDAGÓGICA	65
2.10.5. NÍVEL DE ADEQUAÇÃO	67
2.10.6. AO NÍVEL DAS INTERACÇÕES SOCIAIS NA SALA DE AULA	69
2.10.7. AO NÍVEL DAS ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS E APRENDIZAGENS DOS ALUNOS	70
2.10.8. AO NÍVEL DA CULTURA DE ESCOLA	71
3. REFLEXÕES SOBRE AS VISITAS DE ACOMPANHAMENTO	73
3.1. PONTO DE VISTA DAS DIRECÇÕES REGIONAIS DE EDUCAÇÃO	73
3.1.1 ASPECTOS ESTRUTURAIS	73
CONDIÇÕES FÍSICAS DOS ESPAÇOS ONDE TÊM LUGAR AS ACTIVIDADES E RECURSOS MATERIAIS.....	73
HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO DAS ACTIVIDADES E CONSTITUIÇÃO DE TURMAS	74
MOBILIZAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS.....	75
ARTICULAÇÃO ENTRE PARCEIROS	76
3.1.2 ASPECTOS DINÂMICOS	76
ARTICULAÇÃO CURRICULAR E SUPERVISÃO PEDAGÓGICA	76
ENVOLVIMENTO DOS PAIS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO.....	77
3.1.3 MELHORIAS E SOLUÇÕES ENCONTRADAS E DIFICULDADES POR SUPERAR	78
3.2. PONTO DE VISTA DAS ASSOCIAÇÕES PROFISSIONAIS.....	79
3.2.1 ENSINO DO INGLÊS	79
3.2.2 ENSINO DA MÚSICA.....	83

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição das visitas de acompanhamento, por Entidade Promotora (2009/2010).....	19
Tabela 2 – Distribuição das escolas visitadas, por DRE (2009/2010).....	20
Tabela 3 – Distribuição dos questionários aplicados técnicos das AEC e aos PTT (2009/2010).....	20
Tabela 4 – Nº de questionários preenchidos pelos Observadores (2009/2010).....	21
Tabela 5 – Distribuição dos alunos com Apoio ao Estudo, por ano de escolaridade, abrangidos nas visitas de acompanhamento (2009/2010).....	21
Tabela 6 – NEE de carácter prolongado identificados em alunos com apoio ao estudo que frequentam AEC (2009/2010).....	22
Tabela 7 – PTT que exercem funções de apoio ao estudo (2009/2010).....	23
Tabela 8 – Constituição da turma de apoio ao Estudo (2009/2010).....	23
Tabela 9 – Distribuição horária das turmas de Apoio ao Estudo (2009/2010).....	23
Tabela 10 – Nº alunos por AEC abrangidos pelas visitas de acompanhamento, por actividade (2009/2010).....	24
Tabela 11 – Distribuição de alunos por ano de escolaridade e por AEC, abrangidos pelas visitas de acompanhamento (2009/2010).....	25
Tabela 12 – NEE de carácter prolongado, identificadas em alunos que frequentam as AEC (2009/2010).....	25
Tabela 13 – Distribuição horária das turmas por AEC (2009/2010).....	25
Tabela 14 – Nº técnicos, por AEC, em função das habilitações académicas (2009/2010).....	27
Tabela 15 – Distribuição do nº de técnicos de Ensino de Inglês em função das habilitações profissionais ou especializadas (2009/2010).....	28
Tabela 16 – Nº de técnicos de AFD em função das habilitações profissionais ou especializadas (2009/2010).....	28
Tabela 17 – Nº de técnicos de EM, em função das habilitações profissionais ou especializadas (2009/2010).....	29
Tabela 18 – Nº de técnicos de OA em função das habilitações profissionais ou especializadas (2009/2010).....	30
Tabela 19 – Distribuição de turmas por AEC e espaço utilizado (2009/2010).....	31
Tabela 20 – Distribuição das turmas por AEC e pertença do espaço utilizado (2009/2010).....	32
Tabela 21 – Nº de turmas por AEC por adequação do espaço utilizado (2009/2010).....	32
Tabela 22 – Nº de técnicos que recorre às TIC, por AEC (2009/2010).....	34
Tabela 23 – Actividade e estratégias de Apoio ao Estudo (2009/2010).....	34
Tabela 24 – Nº de técnicos que refere ter conhecimento das orientações programáticas por actividade (2009/2010).....	35
Tabela 25 – Nº de técnicos e fonte de informação onde obtiveram conhecimento das orientações programáticas (2009/2010).....	36
Tabela 26 – Nº técnicos que refere utilizar as orientações programáticas, por actividade (2009/2010)..	36
Tabela 27 – Nº técnicos que refere utilizar um programa pré-concebido pela entidade para a qual presta serviço (2009/2010).....	36
Tabela 28 – Competências de comunicação exploradas no âmbito do Ensino do Inglês (2009/2010) ...	37
Tabela 29 – Competências desenvolvidas no âmbito do Ensino da Música (2009/2010).....	37
Tabela 30 – Competências desenvolvidas no âmbito da Actividade Física e Desportiva (2009/2010)....	38
Tabela 31 – Nº de técnicos das AEC, segundo os instrumentos de avaliação utilizados por AEC (2009/2010).....	39
Tabela 32 – Percentagem de técnicos que refere que a avaliação é divulgada aos pais/encarregados educação por AEC – (2009/2010).....	39
Tabela 33 – Nº de técnicos por periodicidade de divulgação da avaliação aos pais/encarregados educação por AEC (2009/2010).....	40
Tabela 34 – Forma de divulgação da avaliação aos EE (2009/2010).....	40

Actividades de Enriquecimento Curricular

Tabela 35 – Nº de técnicos por AEC pela forma de divulgação da avaliação aos PTT (2009/2010)	41
Tabela 36 – Nº de técnicos por periodicidade de divulgação da avaliação aos PTT por AEC (2009/2010).....	41
Tabela 37 – Articulação com os PTT (2009/2010).....	42
Tabela 38 – Formas de articulação pedagógica e curricular entre técnicos e PTT, por AEC (2009/2010).....	42
Tabela 39 – Formas de articulação entre os técnicos das AEC (2009/2010).....	43
Tabela 40 – Formas de articulação entre os técnicos, por AEC (2009/2010).....	43
Tabela 41 – Nº de técnicos que fazem articulação com os docentes de 2º e/ou 3º ciclos do agrupamento (2009/2010)	44
Tabela 42 – Nº de técnicos por AEC, que fazem articulação com os docentes de 2º e/ou 3º ciclos do agrupamento (2009/2010)	44
Tabela 43 – Professores de Apoio ao Estudo que articulam informações com outros docentes de Apoio ao Estudo (2009/2010).....	45
Tabela 44 – Número e percentagem de PTT em função do conhecimento das orientações programáticas, por AEC (2009/2010).....	46
Tabela 45 – Nº de PTT em função de dinâmicas do Conselho Pedagógico e do Conselho de Docentes (2009/2010).....	47
Tabela 46 – Nº de PTT que refere ter existido programação conjunta com os respectivos técnicos das AEC (2009/2010).....	47
Tabela 47 – Nº de PTT que refere acompanhar as AEC, por actividade (2009/2010)	48
Tabela 48 – Nº de PTT por metodologia de acompanhamento AEC (2009/2010).....	49
Tabela 49 – PTT que faz articulação pedagógica com o(s) professor(es) das AEC (2009/2010).....	49
Tabela 50 – Material Observado por AEC (2009/2010)	50
Tabela 51 – Número de documentos observados, por actividade (2009/2010).....	51
Tabela 52 – Número de observações em que há evidência do recurso às TIC (2009/2010).....	51
Tabela 53 – Suporte da Planificação (2009/2010).....	52
Tabela 54 – Observações do Conteúdo da Planificação (2009/2010).....	52
Tabela 55 – Número de observações à tipologia da planificação (2009/2010).....	53
Tabela 56 – Número de observações ao Registo de Sumários das Actividades (2009/2010)	53
Tabela 57 – Número de tipo de registos de sumários das actividades realizadas (2009/2010).....	54
Tabela 58 – Número de registos de instrumentos de avaliação observados (2008/2009).....	54
Tabela 59 – Apreciação geral a nível do Ensino do Inglês 1º 2º anos (2009/2010)	55
Tabela 60 – Apreciação geral a nível do Ensino do Inglês 3º 4º anos (2009/2010)	56
Tabela 61 – Apreciação geral a nível da Actividade Física e Desportiva (2009/2010).....	56
Tabela 62 – Apreciação geral a nível do Ensino da Musica (2009/2010).....	57
Tabela 63 – Apreciação geral a nível do de Outra Actividade (2009/2010)	57
Tabela 64 – A interação Professor-aluno conduz à criação de um ambiente favorável à aprendizagem (2009/2010).....	58
Tabela 65 – A interacção entre pares (Aluno-Aluno) propicia o desenvolvimento das actividades no sentido da construção do saber (2009/2010)	58
Tabela 66 – O projecto revela soluções que conduzem ao desenvolvimento de competências dos alunos (2009/2010).....	59
Tabela 67 – O projecto revela soluções que conduzem ao desenvolvimento de autonomia e hábitos de trabalho (2009/2010).....	60
Tabela 68 – O projecto revela soluções que conduzem à motivação dos alunos perante a aprendizagem (2009/2010).....	60
Tabela 69 – O Projecto revela soluções que conduzem a articulação entre ciclos de escolaridade (2009/2010).....	61
Tabela 70 – O Projecto revela soluções que conduzem à flexibilidade organizacional (espaços/tempo) (2009/2010).....	61
Tabela 71 – O Projecto revela soluções que conduzem a uma cultura de colaboração entre professores e técnicos (generalista e especialista) (2009/2010)	61

Actividades de Enriquecimento Curricular

Tabela 72 – Articulação com os PTT (2009/2010).....	63
Tabela 73 – Percentagem Formas de articulação pedagógica e curricular entre técnicos e PTT, por AEC (2009/2010).....	63
Tabela 74 – Formas de articulação entre os técnicos das AEC (2009/2010).....	63
Tabela 75 - Formas de articulação entre os técnicos, por AEC (2009/2010).....	63
Tabela 76 – Nº de técnicos que fazem articulação com os docentes de 2º e/ou 3º ciclos do agrupamento (2009/2010)	64
Tabela 77 – Nº de técnicos, por AEC, que fazem articulação com os docentes de 2º e/ou 3º ciclos do agrupamento (2009/2010)	64
Tabela 78 – Professores de Apoio ao Estudo que articulam informações com outros docentes de Apoio ao Estudo (2009/2010).....	65
Tabela 79 – Percentagem de PTT em função do conhecimento das Orientações Programáticas, por AEC (2009/2010).....	65
Tabela 80 - Nº de PTT em função de dinâmicas do Conselho Pedagógico e do Conselho de Docentes (2009/2010).....	65
Tabela 81 – Percentagem de PTT que refere ter existido programação conjunta com os respectivos técnicos das AEC (2009/2010)	66
Tabela 82 – Nº de PTT que refere acompanhar as AEC, por actividade (2009/2010)	66
Tabela 83 – Nº de PTT por metodologia de acompanhamento AEC (2009/2010).....	66
Tabela 84 - PTT que faz articulação pedagógica com o(s) professor(es) das AEC (2009/2010).....	66
Tabela 85 – Apreciação geral a nível do Ensino do Inglês 1º 2º anos (2009/2010)	67
Tabela 86 – Apreciação geral a nível do Ensino do Inglês 3º 4º anos (2009/2010)	67
Tabela 87 – Apreciação geral a nível da Actividade Física e Desportiva (2009/2010).....	68
Tabela 88 – Apreciação geral a nível do Ensino da Musica (2009/2010).....	68
Tabela 89 – Apreciação geral a nível do de Outra Actividade (2009/2010)	68
Tabela 90 – A interacção Professor-aluno conduz à criação de um ambiente favorável à aprendizagem (2009/2010).....	69
Tabela 91 – A interacção entre pares (Aluno-Aluno) propicia o desenvolvimento das actividades no sentido da construção do saber (2009/2010)	69
Tabela 92 – O projecto revela soluções que conduzem ao desenvolvimento de competências dos alunos (2009/2010).....	70
Tabela 93 – O projecto revela soluções que conduzem ao desenvolvimento de autonomia e hábitos de trabalho (2009/2010).....	70
Tabela 94 – O projecto revela soluções que conduzem à motivação dos alunos perante a aprendizagem (2009/2010).....	70
Tabela 95 – O Projecto revela soluções que conduzem a articulação entre ciclos de escolaridade (2009/2010).....	71
Tabela 96 – O Projecto revela soluções que conduzem à flexibilidade organizacional (espaços/tempos) (2009/2010).....	71
Tabela 97 – O Projecto revela soluções que conduzem a uma cultura de colaboração entre professores (generalista e especialista) (2009/2010).....	72

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Distribuição percentual das visitas de acompanhamento, e entidade promotora (2009/2010).....	19
Figura 2 – Distribuição das escolas visitadas, por DRE (2008/2009 – 2009/2010).....	20
Figura 3 – Distribuição dos questionários aplicados aos técnicos das AEC e aos PTT (2007/2008, 2008/2009 e 2009/2010).....	21
Figura 4 – Percentagem de alunos com Apoio ao Estudo, por ano de escolaridade, abrangidos nas visitas de acompanhamento (2007/2008, 2008/2009 e 2009/2010).....	22
Figura 5 – Distribuição horária das turmas de apoio ao estudo (2007/2008, 2008/2009 e 2009/2010).....	24
Figura 6 – Distribuição etária dos PTT (2009/2010).....	26
Figura 7 – Distribuição do tempo de serviço dos PTT (2009/2010).....	26
Figura 8 – Figura 2009/2010.....	27
Figura 9 – Percentagem de técnicos de EM, em função das habilitações profissionais ou especializadas (2007/2008, 2008/2009 e 2009/2010).....	29
Figura 10 – Distribuição dos técnicos por escalão etário (2009/2010).....	30
Figura 11 – Distribuição das turmas de AFD por espaço utilizado (2007/2008 - 2008/2009 – 2009/2010).....	31
Figura 12 – Distribuição percentual das turmas que utilizam espaços pertencentes ao agrupamento, por AEC (2007/2008 – 2008/2009 – 2009/2010).....	32
Figura 13 – Distribuição percentual das turmas que utilizam espaços adequados, por AEC (2007/2008 – 2008/2009 – 2009/2010).....	33
Figura 14 – Distribuição numérica das turmas por pertença e adequação do espaço utilizado (2009/2010).....	33
Figura 15 – Actividade e estratégia de apoio ao estudo (2007/2008 – 2008/2009 – 2009/2010).....	35
Figura 16 – Percentagem de professores que refere que a avaliação é divulgada aos Pais/Encarregados de Educação (2007/2008 – 2008/2009 – 2009/2010).....	40
Figura 17 – Professores de Apoio ao Estudo que articulam informações com outros docentes de Apoio ao Estudo – (2007/2008 - 2008/2009 e 2009/2010).....	45
Figura 18 – Percentagem de PTT em função do conhecimento das orientações programáticas, por AEC (2008/2009 – 2009/2010).....	46
Figura 19 – Percentagem de PTT que refere ter existido programação conjunta com os respectivos técnicos das AEC (2008/2009 – 2009/2010).....	48
Figura 20 – Percentagem de observações com recurso às TIC (2007/2008 - 2008/2009 e 2009/2010)	51
Figura 21 – Percentagem de sumários actualizados, por AEC (2009/2010).....	54
Figura 22 – Nível das interacções sociais na sala de aula (2009/2010).....	59
Figura 23 – Nível das estratégias pedagógicas e aprendizagens dos alunos (2009/2010).....	60
Figura 24 – Nível da cultura de escola (2009/2010).....	62
Figura 25 - Professores de Apoio ao Estudo que articulam informações com outros docentes de Apoio ao Estudo.....	65
Figura 26 - Nível das interacções sociais na sala de aula (2009/2010).....	69
Figura 27 – Nível das estratégias pedagógicas e aprendizagens dos alunos (2009/2010).....	71
Figura 28 – Nível da cultura de escola (2009/2010).....	72

APRESENTAÇÃO

O Programa de Enriquecimento Curricular – correntemente designado de AEC – encontra-se regulamentado pelo Despacho nº 14460/2008 de 26 de Maio. As Actividades de Enriquecimento Curricular tiveram início no ano lectivo de 2005/2006, com o Programa de Generalização do Ensino de Inglês nos 3º e 4º anos do 1º ciclo do ensino básico público, indo ao encontro do conceito de escola a tempo inteiro, evoluíram para uma oferta de actividades mais abrangente. Este Programa insere-se na prioridade dada pelo Governo à melhoria das condições de ensino e aprendizagem no 1º Ciclo do Ensino Básico e o ano de 2009/2010 foi o quarto ano da sua implementação.

As AEC pretendem cumprir o duplo objectivo de garantir a todos os alunos do 1º Ciclo, de forma gratuita, a oferta de um conjunto de aprendizagens enriquecedoras do currículo, ao mesmo tempo que concretizam a articulação entre o funcionamento da escola e a organização de respostas sociais no domínio do apoio às famílias.

De acordo com o Despacho acima mencionado, o Programa das Actividades de Enriquecimento Curricular no 1º Ciclo do Ensino Básico é monitorizado pela Comissão de Acompanhamento do Programa (CAP) da qual fazem parte, a Directora-Geral da DGIDC e os Directores Regionais de Educação. Os representantes da Associação Nacional de Municípios Portugueses (ANMP), da Confederação Nacional das Associações de Pais (CONFAP), da Associação Portuguesa de Professores de Inglês (APPI), da Associação Portuguesa de Educação Musical (APEM), do Conselho Nacional das Associações de Professores e Profissionais de Educação Física (CNAPEF) e da Sociedade Portuguesa de Educação Física (SPEF), têm vindo igualmente a participar nas actividades da CAP, conforme previsto no referido Despacho.

Para além da intervenção contínua da CAP, o acompanhamento das AEC efectiva-se formalmente através da realização de visitas de acompanhamento cuja metodologia, suportada em vários instrumentos de recolha de dados, prevê diversos momentos de interacção com os diferentes membros da comunidade educativa e a observação das actividades por peritos indicados pelas Associações de Professores e por técnicos das DRE.

O esforço exigido às escolas e aos seus profissionais, às autarquias e aos restantes parceiros na promoção das AEC consolidou-se, naturalmente, com a experiência dos anos anteriores, tendo o acompanhamento das AEC beneficiado, igualmente, da experiência acumulada.

O primeiro relatório de acompanhamento de 2009/2010 centrou-se na execução física do Programa. O presente relatório pedagógico organiza-se em torno da monitorização do programa pela CAP utilizando os instrumentos criados para as visitas às escolas e os relatórios produzidos pelas Direcções Regionais de Educação e pelas Associações Profissionais.

CONCLUSÕES

- Aspectos metodológicos do acompanhamento**
1. O procedimento adoptado para as visitas de acompanhamento permitiu uma maior abrangência das entidades promotoras (30,8%) o que representou um aumento face ao ano anterior (29,3%).
 2. A observação de aulas, seguida de uma pequena reflexão crítica e formativa, continua a considerar-se imprescindível para a análise do contexto pedagógico sendo, porém, a mesa-redonda o ponto-chave das visitas de acompanhamento. É nestas reuniões que os diferentes actores avaliam a implementação do Programa e são sugeridas hipóteses de solução para os problemas constatados.
 3. A importância das visitas de acompanhamento é reconhecida por todos os intervenientes sendo visível na melhoria das práticas observadas nas segundas visitas.
 4. A escolha das turmas que são visitadas e que em princípio deveria ser aleatória, apresenta uma acentuada preferência pelos terceiro e quarto anos de escolaridade.
 5. As associações de professores de educação física demonstraram reduzida capacidade de mobilização de observadores para participarem no acompanhamento.
- Orientações programáticas**
6. A utilização de programas pré-concebidos pela entidade promotora pode significar uma maior dificuldade na adequação às Orientações Programáticas, ao Currículo Nacional do Ensino Básico e aos Projectos Educativos de Escola.
- Habilitações dos técnicos das AEC**
7. No que respeita às habilitações profissionais ou especializadas é de destacar que, no Ensino da Música, tal como se verificou no ano passado, a habilitação mais referida é o currículo relevante. Apesar de se verificar um aumento dos técnicos com curso profissional e com complemento de formação em EM. Mantém-se a tendência já evidenciada em relatórios anteriores.

8. A obrigatoriedade de oferta do inglês a todos os anos de escolaridade é comprometida pela manifesta dificuldade de recrutamento de técnicos de inglês com o perfil definido que se fez sentir já em anos anteriores.
- Alunos**
9. O significativo número de alunos (89,3%) que frequentam estas actividades confirma a pertinência da sua oferta.
10. Subsistem dificuldades na integração de alunos com NEE nas AEC.
- Recrutamento**
11. Subsistem dificuldades no recrutamento e fidelização dos técnicos, nomeadamente devido a questões relacionadas com os normativos legais existentes
12. Nos casos em que a selecção dos técnicos foi efectuada em parceria com os Órgãos de Gestão constatou-se que os técnicos afectos a esta função eram detentores de perfil adequado e que a continuidade dos mesmos era factor de sucesso.
- Articulação horizontal**
13. A articulação com o professor titular de turma é visivelmente mais consistente do que em anos anteriores. A programação conjunta das actividades concretiza-se de forma sustentada na maioria das actividades, embora ainda sejam pouco expressivas as dinâmicas de trabalho conjunto e a construção de instrumentos e materiais.
- Articulação Vertical**
14. A articulação vertical continua a ser uma das grandes fragilidades do programa não tendo os observadores reconhecido mudanças significativas neste domínio, face aos anos anteriores.
- Recursos físicos e materiais**
15. O espaço utilizado para as actividades, apesar do esforço dos diferentes intervenientes, ainda não se encontra num nível satisfatório e a sua adequação às diferentes actividades deve ser melhorada, nomeadamente na actividade física e desportiva e no ensino da música.

16. A qualidade e quantidade dos materiais disponíveis para as actividades ainda não estão garantidas em todos os casos.
- TIC** 17. O incentivo à utilização das TIC no 1º ciclo (programa e.escolinha) não se traduziu num aumento significativo no recurso às tecnologias de informação e comunicação.
- Supervisão e Articulação pedagógica** 18. O desconhecimento das orientações programáticas, por parte de alguns professores titulares de turma, pode pôr em causa uma efectiva e fundamentada supervisão e acompanhamento deste processo.
19. Constatou-se alguma indefinição sobre as atribuições dos diferentes intervenientes (PTT, Órgãos de Gestão, Associações de Pais) no que respeita à supervisão e acompanhamento pedagógico.
20. A verificação das habilitações dos técnicos a contratar, a elaboração de horários e o transporte dos alunos recomendam a clarificação de atribuições e procedimentos da articulação entre municípios e agrupamentos.
- Planificação das actividades** 21. Os valores da planificação pré-concebida pela entidade e das produzidas em articulação com o PTT são aproximados e reduzidos. A maioria é concebida pelo técnico das AEC e de acordo com as orientações programáticas.
22. Globalmente a adequação das actividades, dos materiais, da planificação e das interacções sociais evoluiu positivamente face ao ano anterior. Ainda assim, destacam-se como áreas a melhorar a adequação da planificação no Inglês 1º e 2º anos e ensino da música bem como a quantidade dos materiais utilizados na maioria das actividades.
- Evolução da 1ª para a 2ª visita: principais conclusões** 23. A articulação horizontal e vertical, nomeadamente ao nível da reflexão sobre metodologias e estratégias e da participação em reuniões de trabalho, registou uma evolução positiva.
24. Sublinha-se como ainda preocupante o défice no acompanhamento e supervisão das AEC.

Actividades de Enriquecimento Curricular

25. Registou-se uma melhoria dos níveis de adequação das estratégias/actividades e da planificação em todas as actividades excepto no ensino do Inglês 3º e 4º anos.
26. Em todas as actividades se verificaram melhorias significativas nas interacções sociais na sala de aula e ao nível das estratégias pedagógicas utilizadas.
27. É ao nível da cultura de escola que, apesar das melhorias registadas, se manifestam ainda fragilidades na implementação do projecto.

RECOMENDAÇÕES

1. Implementar um sistema de monitorização e recolha de informação que permita a tomada de decisões organizativas e pedagógicas em tempo útil.
2. Rever os instrumentos de recolha de informação para uma melhor adequação à actual fase de desenvolvimento do programa.
3. Face ao aumento do recurso à flexibilização dos horários, deverá regulamentar-se os períodos em que tal pode acontecer, de forma a salvaguardar a componente curricular;
4. Sensibilizar os PTT para a natureza do apoio ao estudo que deverá permitir a consolidação das aprendizagens e o desenvolvimento de competências, de métodos e hábitos de estudo, nomeadamente através do recurso às TIC;
5. Produzir orientações sobre as atribuições dos diferentes intervenientes na supervisão das AEC (PTT, órgãos de gestão, associações de pais)
6. A Direcção do agrupamento deve:
 - a. garantir o cumprimento integral do Currículo Nacional do 1º Ciclo do Ensino Básico, assegurando que nenhuma das áreas é descurada no currículo a favor das AEC;
 - b. desenvolver um dispositivo de supervisão tendo em vista a qualidade e credibilidade do projecto no agrupamento;
 - c. potenciar uma articulação sistemática e abrangente, incentivando a colaboração entre os diferentes intervenientes (departamentos curriculares, professores titulares de turma e técnicos das AEC);
 - d. envolver o professor de apoio educativo na elaboração de materiais destinados aos alunos com NEE, de forma a tornar possível a sua real integração;
 - e. implicar os pais e encarregados de educação no processo de organização das actividades, nomeadamente na definição dos períodos de funcionamento , utilizando canais directos de comunicação.
7. Insistir no carácter lúdico das AEC e na criação de situações de aprendizagens diversificadas que motivem os alunos para a sua frequência.
8. Identificar e difundir exemplos de boas práticas.

Mantém-se a maioria das recomendações já expressas em relatórios anteriores, nomeadamente:

9. Sensibilizar os PTT e as Direcções dos Agrupamentos para a verificação da compatibilidade dos programas pré-concebidos pelas entidades face aos Projectos Curriculares de Turma, às orientações programáticas e, naturalmente, aos interesses e necessidades dos alunos que deverão ter um papel activo na planificação, desenvolvimento e avaliação das actividades;
10. Os Órgãos de Gestão do agrupamento devem garantir o cumprimento integral do Currículo Nacional do 1º Ciclo do Ensino Básico, assegurando que nenhuma das áreas é descurada no currículo a favor das AEC;
11. O desenvolvimento e adequação de mecanismos de apoio que possibilitem uma melhor integração dos alunos com NEE nas AEC.
12. O processo de avaliação das AEC deve ser reflectivo a nível de agrupamento e integrar o respectivo Regulamento interno.

1. NOTA METODOLÓGICA

O presente Relatório foi elaborado tendo por base a informação resultante dos dados recolhidos nas visitas de acompanhamento, organizadas pela Comissão de Acompanhamento do Programa, os contributos dos relatórios de acompanhamento das Direcções Regionais de Educação e das restantes entidades pertencentes à CAP.

As visitas de acompanhamento, realizadas no âmbito do dispositivo de acompanhamento e avaliação do Programa das Actividades de Enriquecimento Curricular no 1º Ciclo do Ensino Básico, procuraram recolher informações sobre o funcionamento das AEC, com particular incidência nos domínios pedagógico e organizacional.

A CAP aprovou uma metodologia que permitiu, com recursos humanos semelhantes aos utilizados nos anos anteriores, uma maior abrangência das Entidades Promotoras e uma maior frequência da observação:

- Cada Direcção Regional de Educação (em conformidade com a sua dimensão e abrangência) identificou um grupo de escolas correspondente a 20% das Entidades Promotoras, de forma a ter como Entidade Promotora, para além das Autarquias, pelo menos uma Associação de Pais, uma IPSS e um Agrupamento de Escolas.
- Após a realização das primeiras visitas, cada Direcção Regional de Educação sinalizou as escolas visitadas que evidenciaram dificuldades de implementação do programa para que estas voltassem a ser visitadas num segundo momento.

Nestas visitas foi utilizada uma metodologia, similar à do ano anterior, que integrou o seguinte conjunto de acções:

1. Observação das actividades de Ensino do Inglês, Ensino da Música, Actividade Física e Desportiva e Outra(s) Actividade(s).

Esta acção concretizou-se pela observação de uma aula correspondente a cada uma das actividades de enriquecimento curricular identificadas, onde esteve presente um elemento da DRE e um observador especialista da respectiva área, indicado pelas Associações de professores que participam no acompanhamento.

2. Aplicação de questionários aos professores Titular de Turma e aos técnicos do Ensino de Inglês, Ensino da Música, de Actividades Física e Desportiva e de Outras Actividades.

Esta acção realizou-se através do preenchimento *in loco* de um questionário junto de cada um dos docentes. Refira-se que o questionário ao professor titular de turma incidiu particularmente nas temáticas de Apoio ao Estudo e Supervisão Pedagógica e os restantes contemplaram o perfil do profissional e da turma, os recursos utilizados, a dimensão pedagógica e a articulação curricular.

3. Realização de uma “Mesa-redonda” com membros da comunidade educativa envolvidos no processo.

Esta acção consistiu numa reflexão entre os elementos da comunidade educativa orientada por um conjunto de tópicos de discussão no âmbito do funcionamento do Programa e, em particular, sobre a articulação horizontal e vertical das actividades de enriquecimento curricular. Os membros da comunidade educativa indicados para participarem na “mesa-redonda” são os seguintes:

- 1 representante do Conselho Executivo do agrupamento/escola;
- Representantes do Conselho Pedagógico do agrupamento/escola (Departamentos Curriculares que enquadrem as línguas estrangeiras, a educação física e a educação musical);
- O Coordenador do estabelecimento onde as actividades funcionam;
- O(s) professor(es) titular(es) de turma cujos alunos participam nas AEC observadas;
- 1 representante dos pais e encarregados de educação dos alunos que frequentam as AEC;
- Os técnicos das AEC;
- 1 representante da entidade promotora;
- 1 representante de cada uma das entidades parceiras;
- Os elementos das Associações de professores que participam no acompanhamento;
- O elemento da DRE que orienta os trabalhos.

Esta metodologia permitiu acompanhar um total de 110 escolas, das quais 65 foram visitadas duas vezes.

De realçar a importância destas visitas de acompanhamento na medida em que proporcionam o estabelecimento de contacto entre os diferentes actores e a

consequente partilha de pontos de vista distintos permitindo, assim, identificar problemas e potencialidades, encontrar soluções e formas de legitimação de decisões. É do cruzamento dos diversos pontos de vista que, de forma objectiva, este relatório procura prestar contas. Neste sentido, foram incluídos, neste relatório os contributos dos diferentes interlocutores.

2. ACOMPANHAMENTO GLOBAL DO PROGRAMA

O presente capítulo assenta na análise dos dados das visitas de acompanhamento, procedendo-se, quando relevante, a uma comparação com os dados das primeiras visitas de acompanhamento dos anos anteriores.

A metodologia de acompanhamento adoptada permitiu acompanhar 30,8% das entidades promotoras o que representa um aumento face ao ano anterior. De salientar que, em todos os anos lectivos, as visitas de acompanhamento superaram o mínimo exigido de 20% das entidades promotoras.

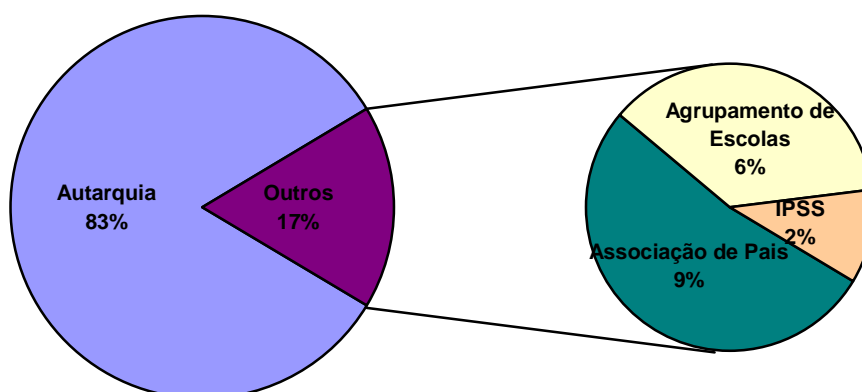
Tabela 1 – Distribuição das visitas de acompanhamento, por Entidade Promotora (2009/2010)

	Autarquia	Associação de Pais	IPSS	Agrupamentos Escolas	Total
DREN	32	0	0	0	32
DREC	20	0	0	1	21
DRELVT	10	9	2	2	23
DREAle	13	0	0	4	17
DREAlg	16	1	0	0	17
Total	91	10	2	7	110

Fonte: DRE, 2010

Na Figura 1 constatamos que as visitas se efectuaram a todos os tipos de entidades promotoras, sendo que 83% foram efectuadas a autarquias e, no conjunto, as Associações de Pais, Agrupamentos de Escolas e IPSS constituíram 17% da amostra.

Figura 1 – Distribuição percentual das visitas de acompanhamento, e entidade promotora (2009/2010)



Fonte: DRE, 2010

O acompanhamento abrangeu um total de 110 escolas, das quais 65 foram visitadas duas vezes, sendo a sua distribuição, por DRE, como se pode observar na Tabela 2.

Tabela 2 – Distribuição das escolas visitadas, por DRE (2009/2010)

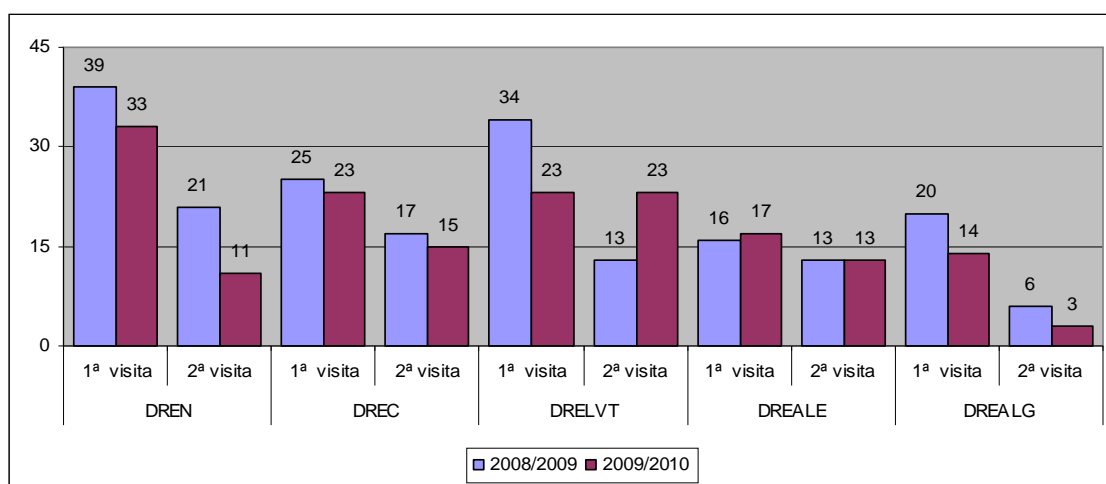
	DREN	DREC	DRELVT	DREAle	DREAlg	Total
1ª Visita	33	23	23	17	14	110
2ª Visita	11	15	23	13	3	65

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

A DRELVT optou por realizar duas visitas de acompanhamento a todas as escolas da amostra, não seguindo a metodologia acordada na CAP.

O número de escolas visitadas nos dois momentos ficou aquém do acompanhamento do ano anterior, como se verifica na Figura 3.

Figura 2 – Distribuição das escolas visitadas, por DRE (2008/2009 – 2009/2010)



Fonte: DGIDC/DRE, 2010

As turmas de AEC correspondem, em geral, às da componente curricular obrigatória existindo, no entanto, situações em que os alunos de duas turmas se juntam para constituírem uma única turma de AEC.

A distribuição dos questionários aplicados aos técnicos das AEC e aos PTT foi a seguinte:

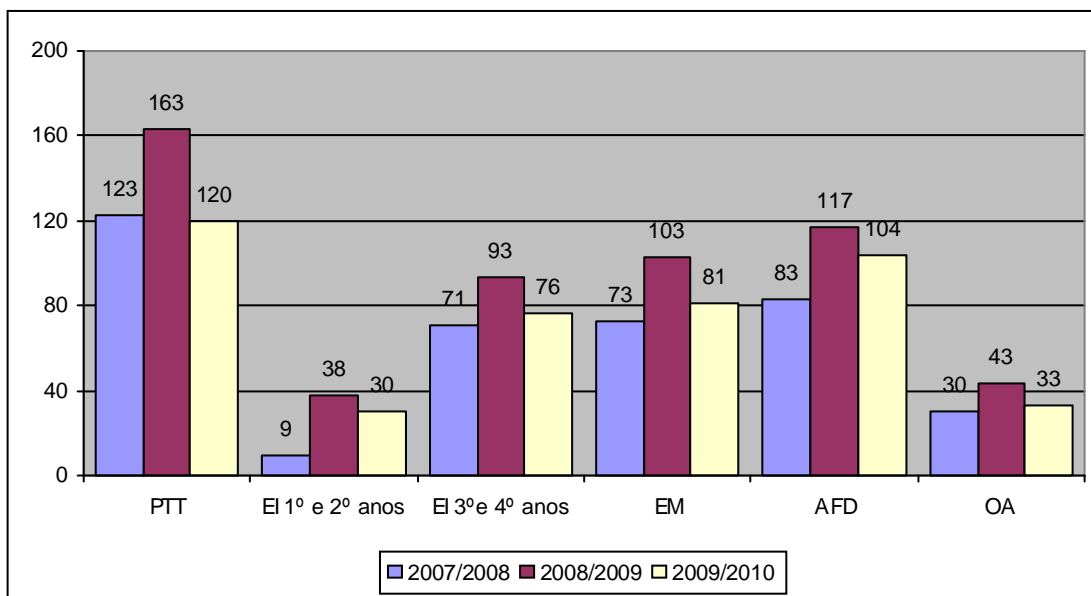
Tabela 3 – Distribuição dos questionários aplicados técnicos das AEC e aos PTT (2009/2010)

	PTT	EI 1º e 2º anos	EI 3º e 4º anos	EM	AFD	OA	Total
1ª Visita	120	30	76	81	104	33	444
2ª Visita	70	17	44	33	62	27	253

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Na Figura 3 podemos constatar que da diminuição das visitas de acompanhamento resultou num menor número de questionários aplicados aos técnicos das AEC e aos PTT.

Figura 3 – Distribuição dos questionários aplicados aos técnicos das AEC e aos PTT (2007/2008, 2008/2009 e 2009/2010)



Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Na Tabela 4 podemos observar a distribuição dos questionários preenchidos pelos Observadores, por actividade:

Tabela 4 – Nº de questionários preenchidos pelos Observadores (2009/2010)

	EI 1º e 2º anos	EI 3º e 4º anos	EM	AFD	OA	Total
1ª visita	27	74	78	100	33	312
2ª visita	14	45	40	60	26	185

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

2.1. Apoio ao Estudo

O Apoio ao Estudo, actividade assegurada pelo professor Titular de Turma, abrangeu 1799 alunos, conforme se observa na Tabela 5.

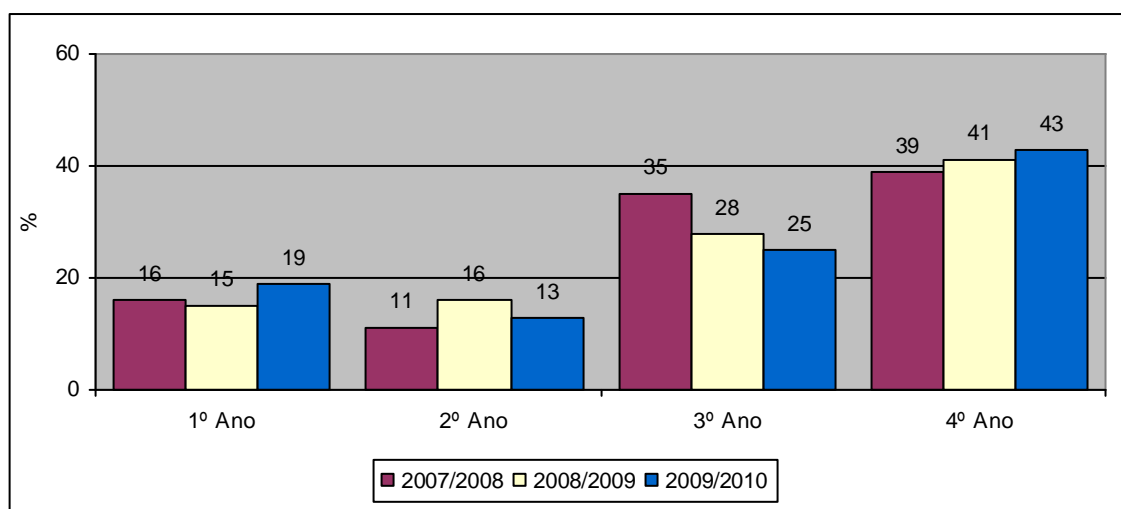
Tabela 5 – Distribuição dos alunos com Apoio ao Estudo, por ano de escolaridade, abrangidos nas visitas de acompanhamento (2009/2010)

Ano Escolaridade	1º ano		2º ano		3º ano		4º ano		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Nº alunos	342	19	241	13	443	25	773	43	1799	100

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Verifica-se, ainda (Tabela 5), que 43% dos alunos de Apoio ao Estudo frequentam o 4º ano. Constatamos, também, que 68% dos alunos frequentam os 3º e 4º anos de escolaridade e apenas 32% frequentam os 1º e 2º anos. A Figura 4 mostra que, também em 2008/2009, a percentagem de alunos dos 3º e 4º anos era superior à percentagem de alunos dos 1º e 2º anos de escolaridade. A escolha que se pretendia aleatória tem, no entanto, privilegiado os dois últimos anos do 1º ciclo.

Figura 4 – Percentagem de alunos com Apoio ao Estudo, por ano de escolaridade, abrangidos nas visitas de acompanhamento (2007/2008, 2008/2009 e 2009/2010)



Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Na Figura 4 verificamos que este ano se observou um ligeiro aumento de alunos no 1º e 4º anos de escolaridade acompanhado de uma ligeira diminuição no 2º ano, sendo de salientar que no 3º ano se tem vindo a verificar, desde 2007/2008, uma tendência descendente.

Nas visitas efectuadas assinalaram-se alunos com NEE nas turmas de Apoio ao Estudo, sendo de destacar as necessidades educativas de carácter cognitivo (45) seguidas das necessidades de comunicação, fala e linguagem (17).

Tabela 6 – NEE de carácter prolongado identificados em alunos com apoio ao estudo que frequentam AEC (2009/2010)

NEE	Audição	Visão	Audição e Visão	Motor	Cognitivo	Emocional	Saúde Física	Comunicação Fala e Linguagem	Cognitivo, motor e sensorial	Outras NEE
Nº Alunos	0	1	1	1	45	4	0	17	3	4

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

No que concerne aos professores titulares de turma que exercem funções de apoio ao estudo é de referir que, dos 120 professores titulares de turma, 103 exercem funções de apoio ao estudo.

Tabela 7 – PTT que exercem funções de apoio ao estudo (2009/2010)

PTT que exercem funções de apoio ao estudo	Nº
Exerce funções de apoio ao estudo	103
Não exerce funções de apoio ao estudo	15

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Tabela 8 – Constituição da turma de apoio ao Estudo (2009/2010)

Constituição da turma de apoio ao estudo	Nº
Apenas alunos da turma de que é professor titular	85
Alunos da turma de que é professor titular e de outras turmas	16
Apenas alunos de outras turmas	0

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

A grande maioria dos professores titulares de turma assume o apoio ao estudo a alunos da turma de que é titular e fá-lo após a actividade lectiva, como se pode observar na Tabela 9.

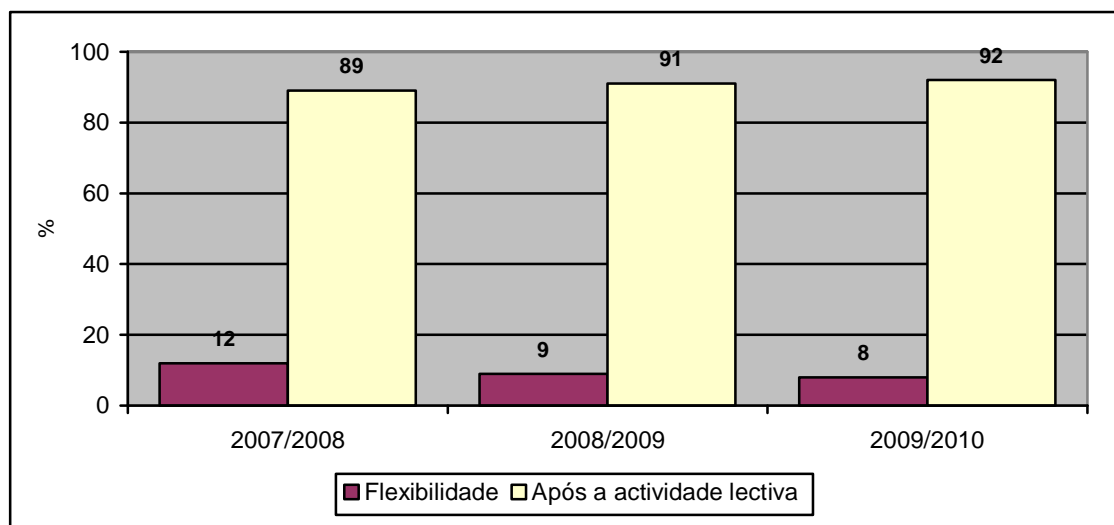
Tabela 9 – Distribuição horária das turmas de Apoio ao Estudo (2009/2010)

Horário da turma de apoio ao Estudo	Total	
	Nº	%
Antes da actividade lectiva	8	4,4
Durante a actividade lectiva	2	1,1
Após a actividade lectiva de manhã	3	1,6
Antes da actividade lectiva da tarde	1	0,5
Após a actividade lectiva	168	92,3

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

A Figura 5 mostra que, desde 2007/2008, se tem vindo a verificar um ligeiro decréscimo no recurso à flexibilização.

Figura 5 – Distribuição horária das turmas de apoio ao estudo (2007/2008, 2008/2009 e 2009/2010)



Fonte: DGIDC/DRE, 2010

2.2. Actividades de Inglês, Física e Desportiva, Música e Outras Actividades

Nas turmas visitadas e de acordo com a Tabela 10, no conjunto de todos os anos de escolaridade, o Ensino de Inglês é a actividade mais frequentada com 1857 alunos, seguido da Actividade Física e Desportiva, com 1831 alunos, do Ensino da Música, com 1446 alunos e das Outras Actividades com 566 alunos.

Tabela 10 – Nº alunos por AEC abrangidos pelas visitas de acompanhamento, por actividade (2009/2010)

	El 1º e 2º anos	El 3º e 4º anos	AFD	EM	OA
Nº de alunos	514	1343	1831	1446	566

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Analisando a distribuição dos alunos por ano de escolaridade (Tabela 11) podemos verificar que, excepto no 1º ano de escolaridade, o número de alunos que frequenta o Ensino de Inglês é sempre ligeiramente superior ao número de alunos que frequenta o Apoio ao Estudo, sendo ambas actividades de oferta obrigatória.

A análise da distribuição dos alunos por ano de escolaridade e por actividade confirma as dificuldades na implementação do Ensino da Música, já referidas noutros relatórios.

Tabela 11 – Distribuição de alunos por ano de escolaridade e por AEC, abrangidos pelas visitas de acompanhamento (2009/2010)

Ano Escolaridade	Inglês 1º 2º	Inglês 3º 4º	AFD	EM	OA
1º ano	270		282	225	125
2º ano	244		230	176	91
3º ano		560	533	362	150
4º ano		783	786	683	200
Total	514	1343	1831	1446	566

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Tal como verificámos no Apoio ao Estudo beneficiam das outras AEC alunos com Necessidade Educativas de Carácter Prolongado prevalecendo também os mesmos domínios. Consta-se que os alunos com problemas de audição e visão são os que menos frequentam as AEC.

Tabela 12 – NEE de carácter prolongado, identificadas em alunos que frequentam as AEC (2009/2010)

	EI 1º e 2º anos	EI 3º e 4º anos	AFD	EM	AO
Audição	1	2	3	3	0
Visão	1	1	3	1	0
Audição e Visão	0	0	0	0	0
Motor	1	0	2	1	0
Cognitivo	9	29	25	20	5
Emocional	0	5	4	1	1
Saúde Física	0	1	1	1	0
Comunicação Fala e Linguagem	5	2	6	6	1
Cognitivo, motor e sensorial	0	1	5	2	0
Outras NEE	0	5	6	5	0

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

As AEC funcionam, maioritariamente, em horário pós-lectivo. Contudo, merece destaque, o facto de 9% das actividades se organizarem antes da actividade lectiva, conforme se pode verificar na Tabela 13.

Tabela 13 – Distribuição horária das turmas por AEC (2009/2010)

Horário da turma	EI 1º 2º		EI 3º 4º		AFD		EM		OA		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Antes da actividade lectiva	7	11	18	10	19	8	12	7	4	6	60	9
Durante a actividade lectiva	0	0	3	2	1	0	2	1	1	1	7	1
Após a actividade lectiva da manhã	5	8	9	5	11	5	3	2	1	1	29	4
Antes da actividade lectiva da tarde	1	2	4	2	5	2	4	2	1	1	15	2
Após a actividade lectiva	50	79	140	80	192	84	146	87	61	90	589	84

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

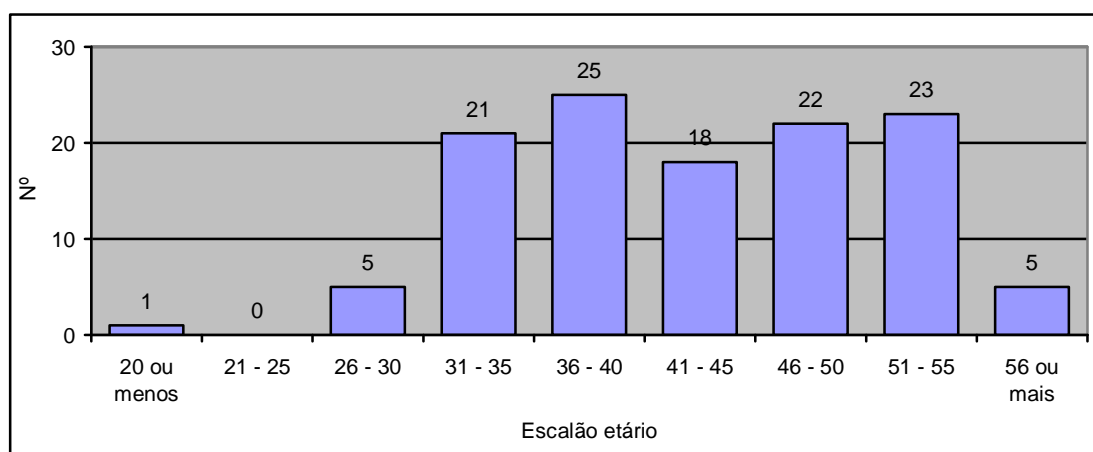
Face aos valores registados no ano lectivo passado é possível verificar que, no Ensino do Inglês, 1º e 2º anos e 3º e 4º anos, bem como na AFD, se registou um ligeiro aumento no recurso à flexibilização dos horários. Pelo contrário, diminuiu o recurso à flexibilização no Ensino da Música e na Outra Actividade.

2.3. Perfil dos Professores e Técnicos

2.3.1 Professores Titulares de Turma

No que se refere aos professores titulares de turma, verifica-se que estes pertencem ao quadro de escola ou ao quadro de zona pedagógica (71% e 19%, respectivamente) e 42% tem mais de 45 anos (Figura 6).

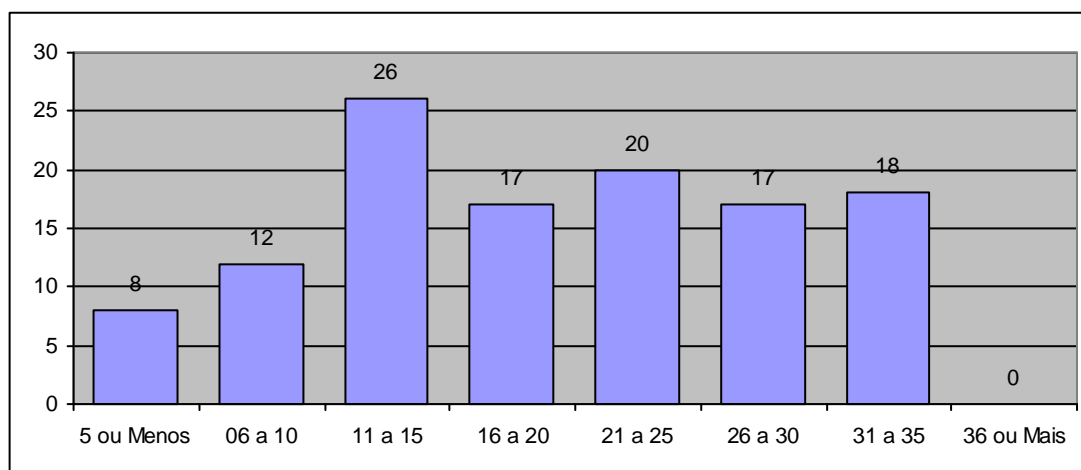
Figura 6 – Distribuição etária dos PTT (2009/2010)



Fonte: DGIDC/DRE, 2010

A habilitação literária predominante é a licenciatura (95); no que respeita ao tempo de serviço 36,4% tem entre 10 e 20 anos de serviço e 46,6% tem mais de 20 de serviço.

Figura 7 – Distribuição do tempo de serviço dos PTT (2009/2010)



Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Dos 120 inquiridos, 68 já exerceu anteriormente outras funções docentes/pedagógicas. A coordenação de estabelecimento é a função mais exercida no presente ano lectivo (11), à semelhança do que ocorreu em anos lectivos anteriores. Como se verifica estes docentes são detentores de habilitações e experiência relevantes.

2.3.2 Técnicos das AEC

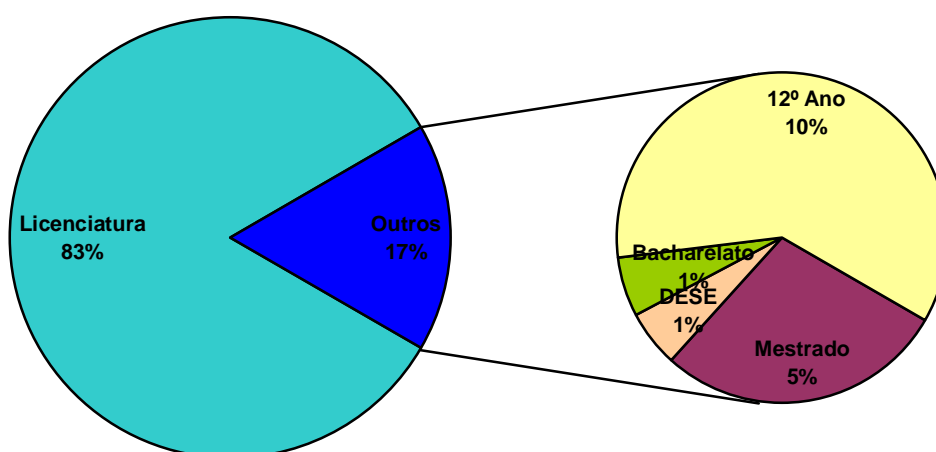
No que concerne aos técnicos das AEC, verificamos que a licenciatura é a habilitação académica mais referida, embora todas as actividades, excepto Outras Actividades, recorram a técnicos com habilitações mais elevadas (mestrado). Verificou-se, no entanto, um ligeiro aumento dos que têm como habilitação académica apenas o 12º ano com especial incidência no Ensino da Música (23).

Tabela 14 – Nº técnicos, por AEC, em função das habilitações académicas (2009/2010)

Habilitação Académica	EI 1ºe 2º anos	EI 3º e 4º anos	AFD	EM	OA
Doutoramento	0	0	0	0	0
Mestrado	0	5	5	5	0
Licenciatura	27	61	100	52	24
DESE	0	2	0	1	0
Bacharelato	1	1	0	1	0
12º Ano	2	1		23	6

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Figura 8 – Figura 2009/2010



Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Nas Tabelas seguintes podemos analisar as habilitações profissionais dos técnicos por actividade.

Assim, no que se refere ao Ensino do Inglês, verificamos que a habilitação profissional mais registada é o estágio integrado, seguido do curso de formação especializada (particularmente significativo no Ensino do Inglês 1º e 2º anos) e do diploma/certificado. Estes registos representam mais de 75% dos resultados.

Tabela 15 – Distribuição do nº de técnicos de Ensino de Inglês em função das habilitações profissionais ou especializadas (2009/2010)

Habilitação/ Formação Profissional	EI 1º e 2º Anos		EI 3º e 4º Anos	
	Nº	%	Nº	%
Curso Profissional	0	0,0	0	0,0
Estágio Integrado	11	52,4	39	63,9
Profissionalização em exercício	1	4,8	2	3,3
Curso de formação especializada	5	23,8	7	11,5
C.E.S.E.	0	0,0	1	1,6
Diplomado/certificado	4	19,0	12	19,7

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

A habilitação profissional mais referida na AFD foi o estágio integrado (78,6%), o qual registou um aumento significativo face ao ano anterior (+8,6%). De salientar a diminuição do número de técnicos detentor de outra habilitação profissional ou especializada, a qual deve continuar a ser objecto de acompanhamento, pois alguns poderão não ser detentores das habilitações mínimas.

Tabela 16 – Nº de técnicos de AFD em função das habilitações profissionais ou especializadas (2009/2010)

Habilitação/ Formação Profissional	Total	
	Nº	%
Estágio Integrado	77	78,6
Profissionalização em exercício	6	6,1
Curso de formação especializada	3	3,1
C.E.S.E.	0	0,0
Diplomado/certificado	7	7,1
Outro	5	5,1

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

No Ensino da Música, como se verifica pelos dados da Tabela 17, o currículo relevante é a habilitação mais referida, abrangendo 29,4% dos inquiridos. Em segundo lugar surge o 8º grau do curso complementar (21,2%) seguido do estágio integrado (17,6%).

O elevado número de técnicos com currículo relevante vem relembrar a necessidade, já expressa em relatórios anteriores, de um acompanhamento mais próximo por parte do PTT e dos órgãos do agrupamento para suprir eventuais dificuldades pedagógicas que estes possam vir a manifestar.

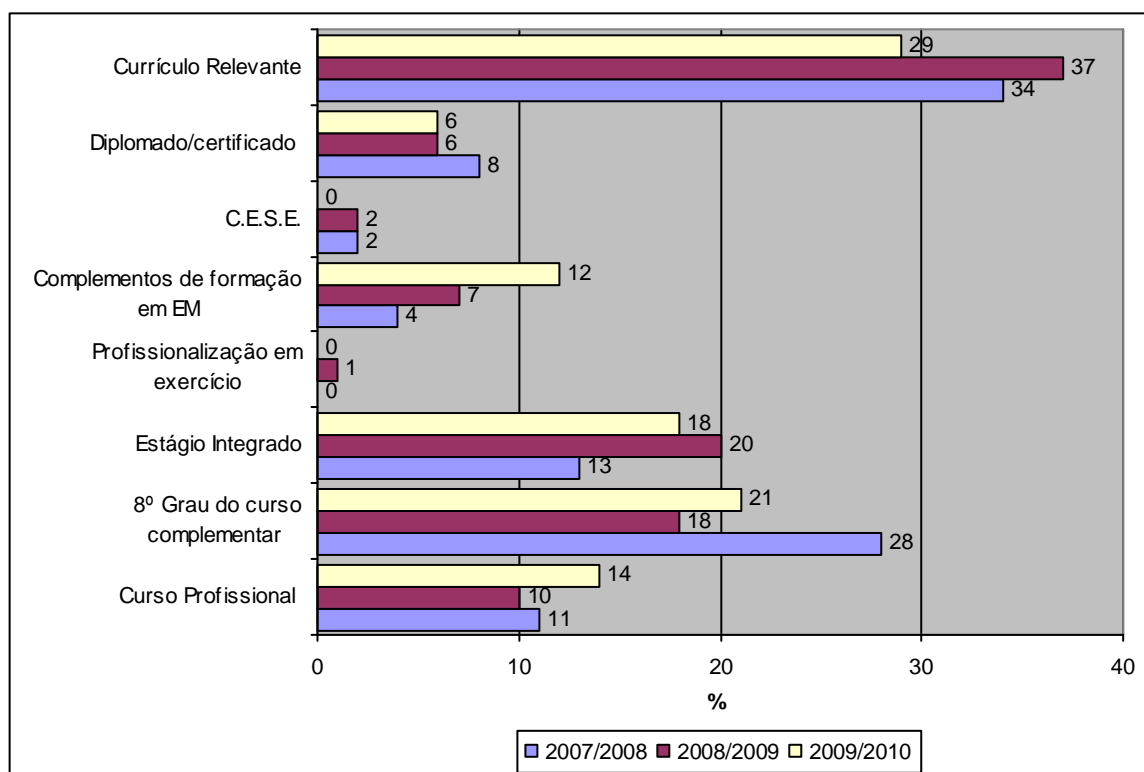
Tabela 17 – Nº de técnicos de EM, em função das habilitações profissionais ou especializadas (2009/2010)

Habilitação / Formação Profissional	Total	
	Nº Prof.	%
Curso Profissional	12	14,1
8º Grau do curso complementar	18	21,2
Estágio Integrado	15	17,6
Profissionalização em exercício	0	0,0
Complementos de formação em EM	10	11,8
C.E.S.E.	0	0,0
Diplomado/certificado	5	5,9
Currículo Relevante	25	29,4

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

É de salientar a diminuição de técnicos detentores de currículo relevante e o aumento, face ao ano lectivo anterior, de técnicos detentores de curso profissional, do 8º grau do curso complementar ou de complementos de formação em Ensino da Música, o sugere um reforço das qualificações destes profissionais.

Figura 9 – Percentagem de técnicos de EM, em função das habilitações profissionais ou especializadas (2007/2008, 2008/2009 e 2009/2010)



Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Nas “Outras Actividades” o estágio integrado apresenta o valor mais elevado (41,9%) sendo, no entanto, significativa a percentagem de técnicos que detêm outra habilitação/formação profissional (38,7%), o que deve ser objecto de análise, pois

alguns destes técnicos poderão não ser detentores de perfil adequado ao desenvolvimento da actividade.

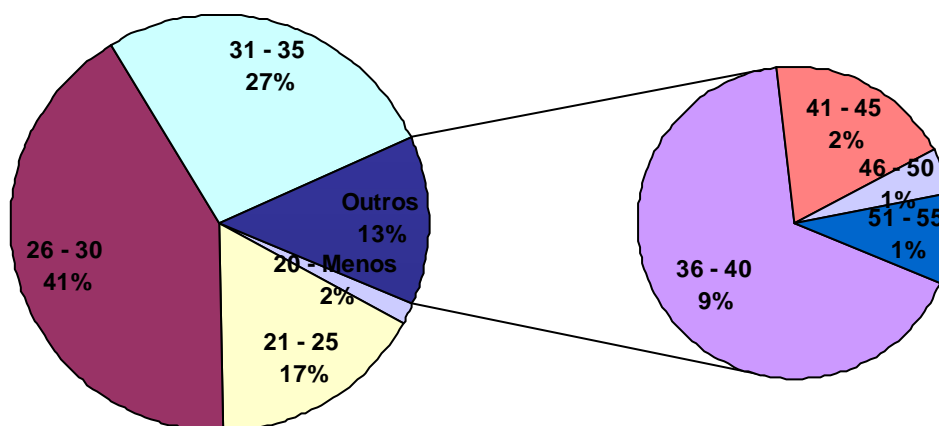
Tabela 18 – Nº de técnicos de OA em função das habilitações profissionais ou especializadas (2009/2010)

Habilitação/ Formação Profissional	Total	
	Nº	%
Curso Profissional	3	9,7
Estágio Integrado	13	41,9
Profissionalização em exercício	1	3,2
Especialização	1	3,2
Diplomado/certificado	1	3,2
Outro	12	38,7

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

No que se refere ao escalão etário dos técnicos das AEC, 87% tem menos de 36 anos, como podemos observar no Figura 8. Recorde-se que esta percentagem contrasta com a pirâmide etária dos Professores Titulares de Turma.

Figura 10 – Distribuição dos técnicos por escalão etário (2009/2010)



Fonte: DGIDC/DRE, 2010

2.4. Espaços utilizados

Verificamos que a sala de aula é o espaço mais utilizado em todas as actividades excepto na AFD em que o campo de jogos predomina. É de salientar que o recreio / espaços exteriores surge como o segundo espaço mais utilizado no Ensino do Inglês, no Ensino da Música e nas “Outras Actividades” e como terceiro espaço no estudo acompanhado. Tal como foi referido em relatórios anteriores a utilização dos espaços exteriores para o desenvolvimento destas actividades põe questões de adequabilidade que devem ser analisadas.

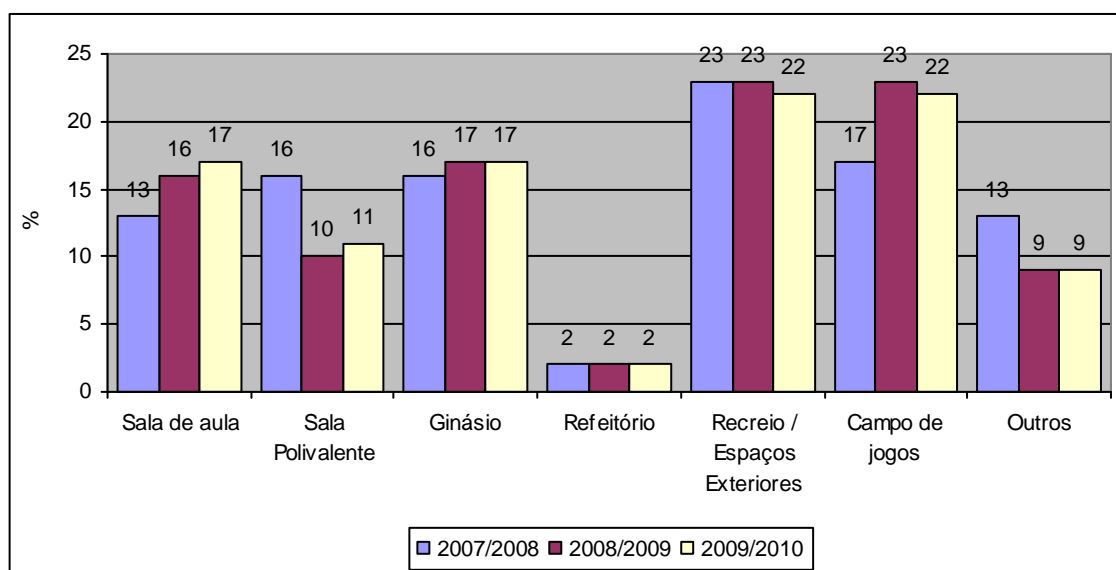
Tabela 19 – Distribuição de turmas por AEC e espaço utilizado (2009/2010)

	EI 1º e 2º anos	EI 3º e 4º anos	AFD	EM	OA	AE
Sala de aula	28	61	42	73	28	92
Biblioteca / Centro Recursos	2	11	0	4	7	32
Sala Polivalente / Gabinete / Sala reuniões	0	5	26	5	2	5
Auditório	0	1	0	3	0	0
Ginásio	0	0	42	0	3	0
Refeitório	0	1	5	3	2	3
Recreio/Espaços Exteriores	7	20	52	19	11	17
Campo de jogos	0	0	53	0	0	0
Outros	2	1	21	10	8	9

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Como já foi referido a AFD, devido à sua especificidade, funciona no campo de jogos seguido, com valores muito próximos, do recreio/espço exteriores. Como se pode verificar pela Tabela 19, as turmas de AFD são as que apresentam uma maior diversificação na utilização dos espaços.

Figura 11 – Distribuição das turmas de AFD por espaço utilizado (2007/2008 - 2008/2009 - 2009/2010)



Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Como podemos observar pela Tabela 20 os espaços utilizados pertencem, maioritariamente, ao agrupamento. Esta situação é particularmente evidente no Ensino do Inglês no 3º e 4º ano em que apenas uma turma recorre a espaços não pertencentes ao agrupamento. A AFD, devido à sua especificidade, é a actividade que mais recorre a espaços não pertencentes ao agrupamento.

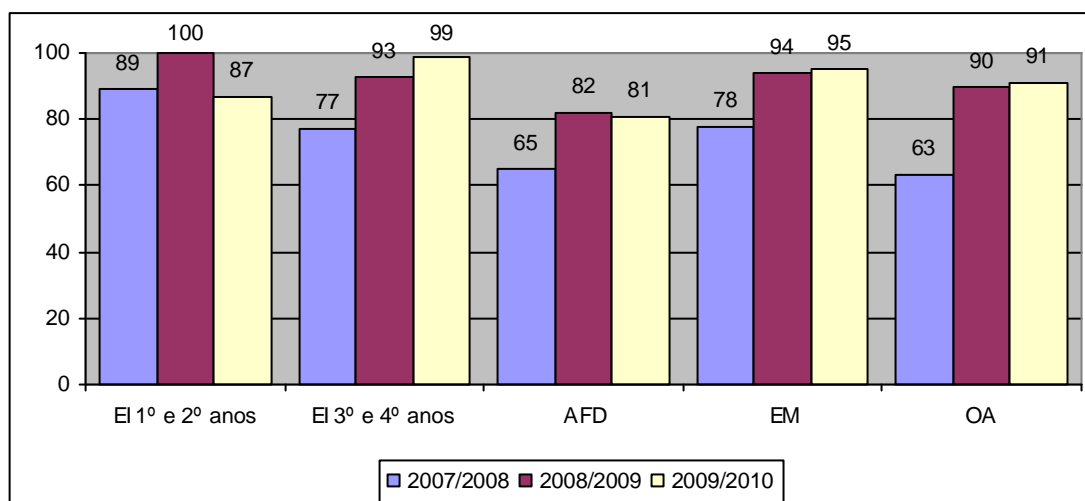
Tabela 20 – Distribuição das turmas por AEC e pertença do espaço utilizado (2009/2010)

	EI 1º e 2º anos		EI 3º e 4º anos		AFD		EM		OA	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Espaço pertence ao agrupamento	26	86,7	72	98,6	84	80,8	75	94,9	30	90,9
Espaço não pertence ao agrupamento	4	13,3	1	1,4	20	19,2	4	5,1	3	9,1

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

De realçar que se verificou um aumento na distribuição das turmas por espaços pertencentes ao agrupamento em todas as actividades, excepto na AFD e no ensino do Inglês, 1º e 2º anos, em que se assistiu a um maior recurso a espaços não pertencentes ao agrupamento, como podemos observar na Figura 12.

Figura 12 – Distribuição percentual das turmas que utilizam espaços pertencentes ao agrupamento, por AEC (2007/2008 – 2008/2009 – 2009/2010)



Fonte: DGIDC/DRE, 2010

A adequação do espaço é também um dado de particular importância que importa analisar. Observando os dados da Tabela 21 verifica-se que, na globalidade, 74% do espaço é considerado adequado à actividade sendo, no entanto de referir que este valor apresenta um decréscimo de 3% face ao ano anterior, mais evidente no Ensino da Música e na AFD.

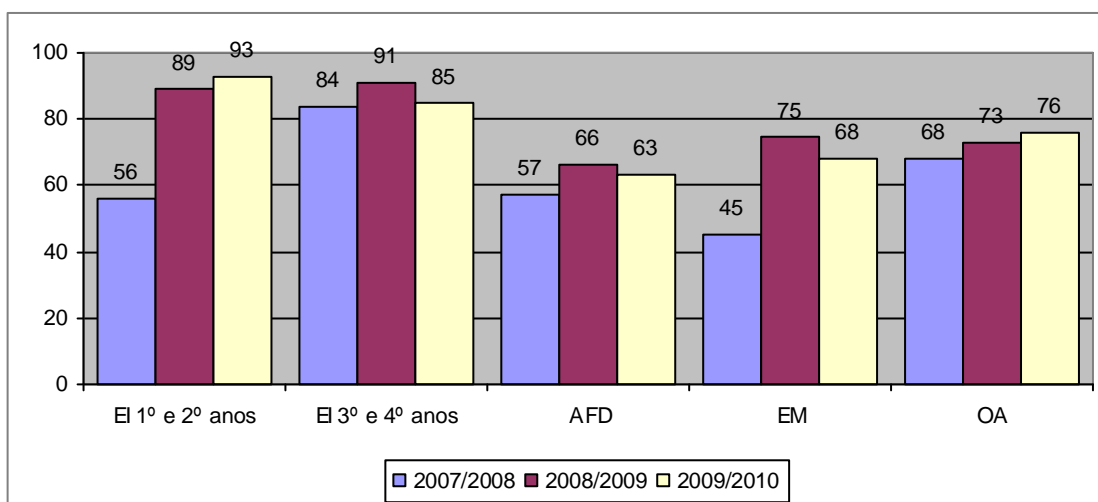
Tabela 21 – Nº de turmas por AEC por adequação do espaço utilizado (2009/2010)

	EI 1º e 2º anos		EI 3º e 4º anos		AFD		EM		OA	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Espaço adequado	28	93	62	85	64	63	54	68	25	76
Espaço não adequado	2	7	11	15	38	37	25	32	8	24

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Apesar dos esforços desenvolvidos pelos diferentes intervenientes verificou-se uma diminuição na adequação dos espaços (-3,5%) com particular ênfase no Ensino da Música e no Ensino do Inglês 3º e 4º anos.

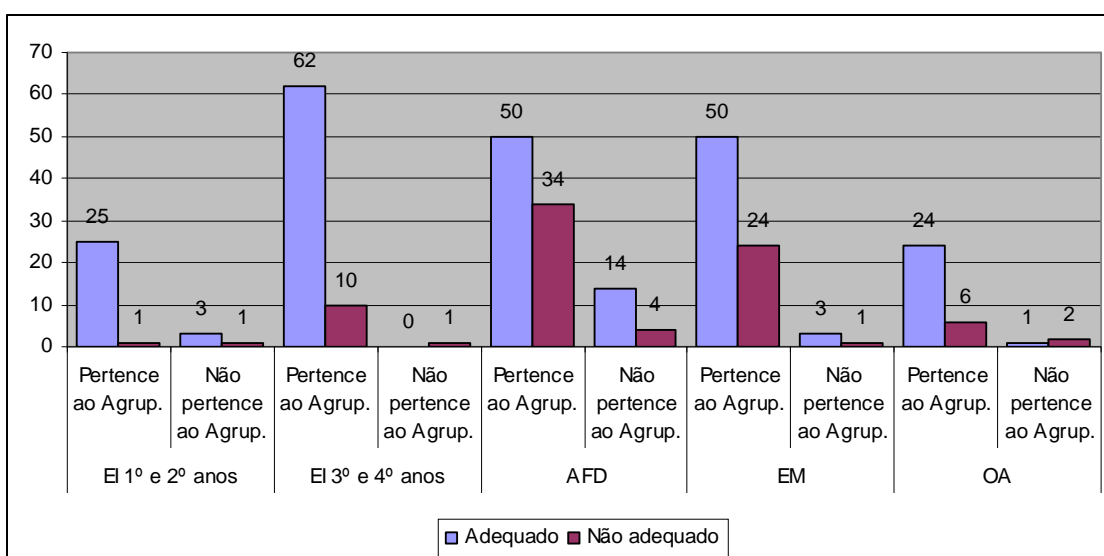
Figura 13 – Distribuição percentual das turmas que utilizam espaços adequados, por AEC (2007/2008 – 2008/2009 – 2009/2010)



Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Importa ainda analisar os dados no que respeita à pertença do espaço utilizado e à sua adequabilidade. Observando os dados da Figura 14 verifica-se que, embora a maioria dos espaços considerados não adequados seja pertença do agrupamento, registam-se alternativas que também não cumprem os necessários requisitos.

Figura 14 – Distribuição numérica das turmas por pertença e adequação do espaço utilizado (2009/2010)



Fonte: DGIDC/DRE, 2010

2.5. Recurso às TIC

No que respeita ao recurso às tecnologias de informação e comunicação verifica-se que existe, ainda, uma elevada percentagem de técnicos que refere nunca recorrer a estas tecnologias. É no Apoio ao Estudo que se regista uma maior utilização das TIC.

Tabela 22 – Nº de técnicos que recorre às TIC, por AEC (2009/2010)

Recurso às TIC	EI 1º e 2º anos		EI 3º e 4º anos		EM		OA		AE	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Frequentemente	8	29	15	20	19	25	5	16	32	31
Algumas vezes	12	43	32	43	32	42	9	28	62	60
Nunca	8	29	28	37	25	33	18	56	9	9

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Embora a percentagem de técnicos que refere nunca recorrer às tecnologias de informação e comunicação seja elevada ela apresenta uma melhoria, em todas as actividades excepto em Outra Actividade, face aos valores registados no ano anterior.

2.6. Componente pedagógica

Na componente pedagógica são considerados aspectos relacionados com o conhecimento e uso das orientações programáticas, as estratégias, as actividades, as experiências de aprendizagem e a avaliação.

2.6.1 Apoio ao Estudo

À semelhança do que se verificou em anos anteriores a consolidação das aprendizagens, através da aplicação de estratégias de estudo é a prioridade principal (73%), enquanto a realização de trabalhos de casa surge como prioridade intermédia (50%).

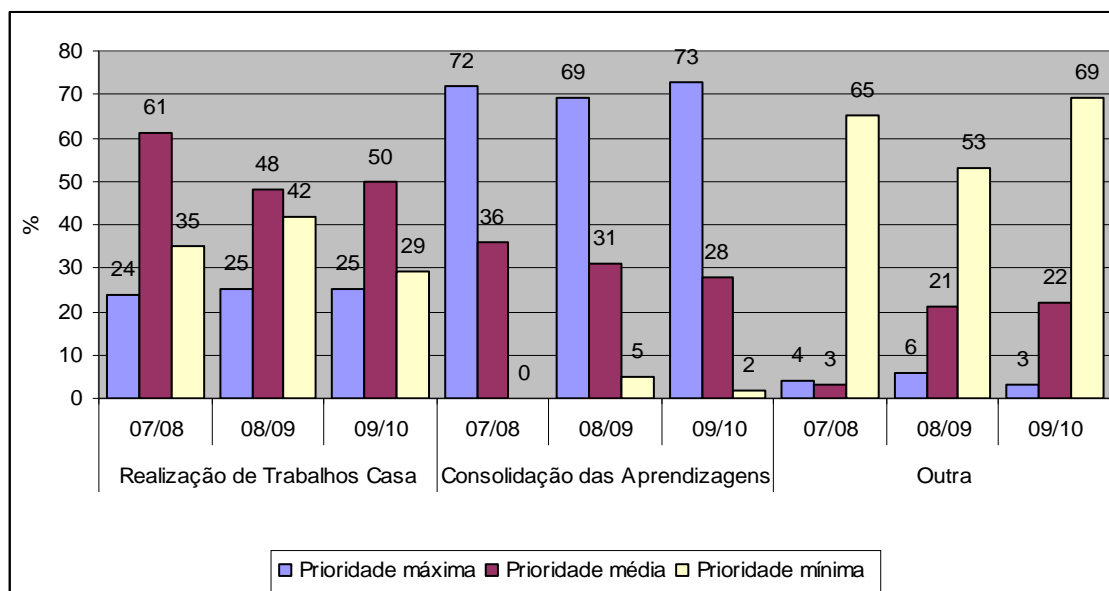
Tabela 23 – Actividade e estratégias de Apoio ao Estudo (2009/2010)

	Realização de Trabalhos Casa		Consolidação das Aprendizagens		Outra	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Prioridade máxima	25	25	74	73	3	3
Prioridade média	44	50	25	28	19	22
Prioridade mínima	13	29	1	2	31	69

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Pela análise da Tabela 23 podemos verificar que a prioridade mínima apresenta o seu valor mais elevado na “Outra”, registando um aumento de 16% face ao ano anterior.

Figura 15 – Actividade e estratégia de apoio ao estudo (2007/2008 – 2008/2009 – 2009/2010)



Fonte: DGIDC/DRE, 2010

2.6.2 Orientações Programáticas

As orientações programáticas, publicadas pelo Ministério da Educação e disponíveis na página da DGIDC, são do conhecimento da maioria dos técnicos inquiridos, sendo de realçar o facto de todos os técnicos de Ensino do Inglês inquiridos referirem ter conhecimento das mesmas. À semelhança de anos anteriores, é no Ensino da Música que mais técnicos afirmam não ter conhecimento das referidas orientações, embora este número tenha diminuído significativamente.

Tabela 24 – Nº de técnicos que refere ter conhecimento das orientações programáticas por actividade (2009/2010)

Orientações Programáticas	EI 1º2º	EI 3º4º	AFD	EM
Não tem conhecimento	0	0	2	6
Tem conhecimento	30	76	102	74

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Como se pode observar na Tabela 25, o conhecimento das orientações programáticas continua a fazer-se principalmente através da internet, seguida de informação dada pela entidade promotora/parceira e pelo coordenador. Verifica-se, ainda, o elevado valor de “Outros” onde se inclui a informação transmitida por Instituições de Ensino Superior. De notar que, apesar dos professores titulares terem funções de supervisão,

não são os intervenientes mais activos no processo de divulgação das orientações programáticas das AEC.

Tabela 25 – Nº de técnicos e fonte de informação onde obtiveram conhecimento das orientações programáticas (2009/2010)

	EI 1º2º	EI 3º4º	AFD	EM	Total
Internet/Site M.E./Site DGIDC	9	22	29	29	89
Entidade Promotora/ Entidade Parceira	9	18	30	16	73
Coordenador	2	5	11	12	30
Professor Titular	1	2	5	3	11
Agrupamento	3	11	8	7	29
Outros docentes	0	6	6	3	15
Outro	4	9	20	12	45

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Refere a maioria dos inquiridos que as Orientações Programáticas são utilizadas “sempre” ou “frequentemente”. Foi no Ensino da Música que se registou a maior evolução com a diminuição acentuada do número de técnicos que diz “nunca” utilizar as Orientações Programáticas.

Tabela 26 – Nº técnicos que refere utilizar as orientações programáticas, por actividade (2009/2010).

Utilização orientações	EI 1º e 2º anos	EI 3º e 4º anos	AFD	EM
Sempre	17	40	61	33
Frequentemente	12	34	38	41
Raramente	0	2	3	1
Nunca	1	0	0	2

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Na Tabela 27 é possível verificar que a percentagem de técnicos que refere orientar as suas actividades com um programa pré-concebido pela entidade para a qual presta serviço é ligeiramente superior nos casos da AFD e do Ensino do Inglês 3º e 4º anos (46% e 42%, respectivamente). É de realçar a diminuição do recurso a programas pré-concebidos pelas entidades (-5%) face ao ano lectivo anterior sendo, no entanto, necessário que o professor titular de turma e as estruturas de orientação do agrupamento verifiquem a compatibilidade destes programas com as orientações programáticas.

Tabela 27 – Nº técnicos que refere utilizar um programa pré-concebido pela entidade para a qual presta serviço (2009/2010)

Orientação das actividades	EI 1º2º		EI 3º4º		AFD		EM		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Orienta actividades c/ programa pré concebido	9	32	30	42	45	46	31	40	115	42
Não orienta actividades c/ programa pré concebido	19	68	42	58	52	54	47	60	160	58

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

2.6.3 Competências desenvolvidas

Procede-se, de seguida, à análise das competências desenvolvidas nas diferentes actividades de enriquecimento curricular.

Analisando os dados da Tabela 28 verifica-se que, tal como aconteceu em anos anteriores, a compreensão oral, a interacção ouvir/falar e a produção oral são as competências de comunicação mais exploradas no âmbito do Ensino do Inglês.

Tabela 28 – Competências de comunicação exploradas no âmbito do Ensino do Inglês (2009/2010)

Competência de comunicação	EI 1ºe 2º anos		EI 3º e 4º anos		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Compreensão oral	29	28	62	25	91	26
Compreensão escrita	8	8	37	15	45	13
Interacção (ouvir/falar)	26	25	55	22	81	23
Interacção (ler/escrever)	8	8	27	11	35	10
Produção Oral	23	23	54	21	77	22
Produção Escrita	8	8	18	7	26	7

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Ao analisar os dados da Tabela 29 verificamos que as competências mais desenvolvidas no Ensino da Música são o “identificar auditiva e visualmente instrumentos musicais” e o “cantar individualmente e em grupo”, seguido do “explorar e identificar elementos básicos da música”.

Tabela 29 – Competências desenvolvidas no âmbito do Ensino da Música (2009/2010)

Competências Desenvolvidas	Nº	%
Explora e Identifica elementos básicos da música	71	15
Identifica Auditiva e visualmente instrumentos musicais	72	15
Utiliza vocabulário Musical	67	14
Canta Individualmente e em grupo	72	15
Explora o som de instrumentos musicais	61	13
Apresenta publicamente o repertório estudado	44	9
Inventa composições e acompanhamentos	32	7
Identifica estilos e épocas musicais	29	6
Recolhe informação sobre música	40	8

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Embora a identificação das competências mais desenvolvidas se mantenha igual ao registado no ano anterior, verificou-se uma aproximação nos valores pelo que, no presente ano lectivo, todas apresentam a mesma carga percentual.

A competência mais desenvolvida no âmbito da AFD foi, como podemos verificar ao analisar a Tabela 30, a “cooperação com aplicação de regras e princípios de cordialidade e respeito” seguida da “participação” e das “capacidades condicionais e coordenativas” que aliás segue a tendência registada em anos anteriores.

Tabela 30 – Competências desenvolvidas no âmbito da Actividade Física e Desportiva (2009/2010)

Competências Desenvolvidas	Nº	%
Cooperação com aplicação de regras e princípios de cordialidade e respeito	97	27
Participação	82	23
Capacidades condicionais e coordenativas	72	20
Realização de acções básicas de deslocamento	70	19
Realização de Habilidades básicas e acções técnico -táticas fundamentais	42	12

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

2.6.4 Registo dos sumários e Avaliação

No que concerne ao registo de sumários é de referir que, na maioria das actividades, o técnico procede ao registo de sumários, em consonância com a prática verificada em anos anteriores.

Os resultados obtidos pelos alunos nas Actividades de Enriquecimento Curricular, dado o seu carácter facultativo, não têm repercussão directa na avaliação das aprendizagens no âmbito das componentes lectivas obrigatórias. Isto não significa que as competências por eles desenvolvidas nas diferentes actividades não devam ser objecto de um processo de avaliação que, através do recurso a instrumentos adequados, possibilite aos técnicos bem como aos encarregados de educação acompanhar o processo de desenvolvimento das aprendizagens dos alunos.

Conhecer os instrumentos de avaliação utilizados nas diferentes actividades reveste-se, pois, de particular importância. Ao analisarmos a Tabela 31 constatamos que as “grelhas de observação” são o instrumento mais utilizado em todas as AEC, excepto no Ensino do Inglês nos 3º e 4º anos e nas “Outras Actividades”. No Ensino do Inglês, nos 3º e 4º anos, o “caderno/dossier do aluno” surge em primeiro lugar, apresentando valores significativos em todas as actividades excepto no caso da AFD, onde as “listas de observação” e os “testes -provas” registam os valores mais elevados depois das “grelhas de observação”. No caso de “Outras Actividades” o recurso a “Outros Instrumentos de avaliação” foi também muito referenciado. As “folhas de auto-avaliação” apresentam valores elevados no Ensino do Inglês.

Tabela 31 – Nº de técnicos das AEC, segundo os instrumentos de avaliação utilizados por AEC (2009/2010)

Instrumentos de Avaliação utilizados	EI 1º e 2º anos	EI 3º e 4º anos	AFD	EM	OA	Total
Grelhas de observação	16	40	75	61	7	199
Listas de verificação	4	15	34	23	13	89
Folhas de auto-avaliação	11	30	10	11	7	69
Testes/provas	4	13	14	16	4	51
Caderno/dossier	15	46	2	40	1	104
Portefólios	8	17	5	9	4	43
Outro	7	9	13	5	11	45

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Ao analisarmos os registos da Tabela 32, verificamos que 96% dos técnicos divulga a avaliação aos encarregados de educação. Ao procedermos a uma análise por actividade constatamos que as “Outras Actividades” apresentam uma taxa de divulgação de 100%, seguidas do Ensino do Inglês nos 3º e 4º anos com 99% e do Ensino da Música com 97%. É no Ensino do Inglês nos 1º e 2º anos e na AFD que as taxas de divulgação são ligeiramente mais baixas: 93%.

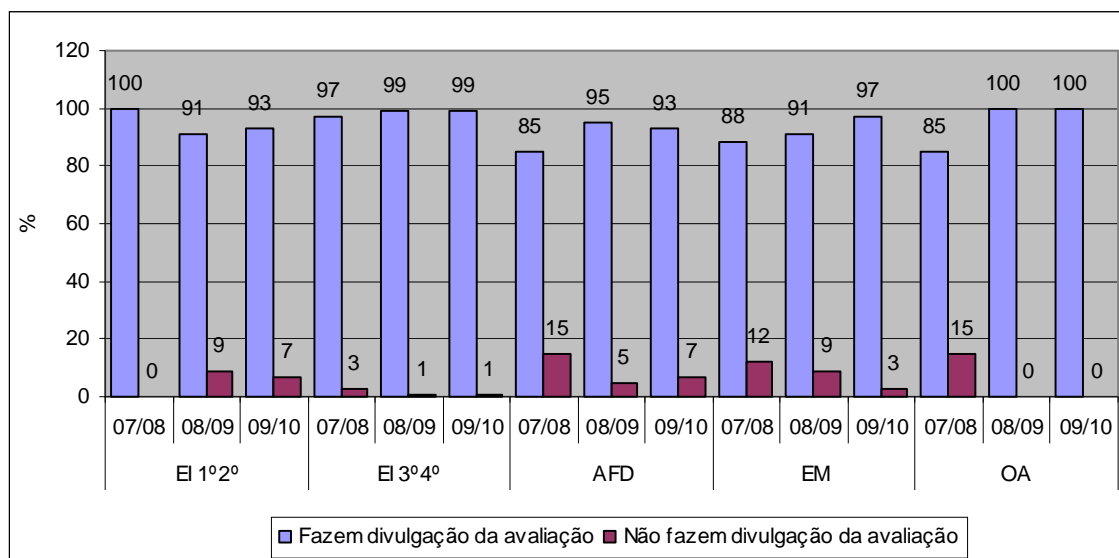
Tabela 32 – Percentagem de técnicos que refere que a avaliação é divulgada aos pais/encarregados educação por AEC – (2009/2010)

Divulgação da avaliação	EI 1º e 2º anos	EI 3º e 4º anos	AFD	EM	OA	Total
Fazem divulgação da avaliação	93	99	93	97	100	96
Não fazem divulgação da avaliação	7	1	7	3	0	4

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Ao compararmos estes dados com os registados no ano passado, constatamos que todas as actividades mantiveram ou aumentaram a taxa de divulgação aos encarregados de educação excepto a AFD que apresenta uma descida de 2%.

Figura 16 – Percentagem de professores que refere que a avaliação é divulgada aos Pais/Encarregados de Educação (2007/2008 – 2008/2009 – 2009/2010)



Fonte: DGIDC/DRE, 2010

A divulgação da avaliação é feita, fundamentalmente, no final do período como podemos observar pela Tabela 33.

Tabela 33 – Nº de técnicos por periodicidade de divulgação da avaliação aos pais/encarregados educação por AEC (2009/2010)

Periodicidade	EI 1º e 2º anos	EI 3º e 4º anos	AFD	EM	OA	Total
Ao longo do período lectivo	2	6	15	9	4	36
No final do período	22	52	77	61	21	233

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

A forma de divulgação dos resultados da avaliação aos pais/encarregados de educação, conforme se observa na Tabela 34, é através dos professores titulares de turma (61%), em registo escrito.

Tabela 34 – Forma de divulgação da avaliação aos EE (2009/2010)

Como é fornecida a informação	EI 1º e 2º anos		EI 3º e 4º anos		AFD		EM		OA		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Através do PTT	23	92	53	93	81	88	60	92	24	96	241	91
Directamente aos Encarregados de Educação	2	8	4	7	11	12	5	8	1	4	23	9

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

De referir que, embora a divulgação aos professores titulares de turma seja feita, fundamentalmente, através de registo escrito nalgumas actividades, ainda predomina a

oralidade (caso do Ensino do Inglês 1º e 2º anos e do Ensino da Música), como podemos observar na Tabela 35.

Tabela 35 – Nº de técnicos por AEC pela forma de divulgação da avaliação aos PTT (2009/2010)

Como é fornecida a informação	EI 1º e 2º anos		EI 3º e 4º anos		AFD		EM		OA		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Oralmente	16	52	20	32	34	34	33	58	13	48	116	42
Registo Escrito	15	48	43	68	66	66	24	42	14	52	162	58
Em formulário próprio da actividade	11	61	39	71	51	65	32	55	15	79	148	65
Em suporte informal	2	11	5	9	7	9	7	12	2	11	23	10
Em formulário utilizado pelos PTT c/ actividade lectiva	5	28	11	20	21	27	19	33	2	11	58	25

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

A divulgação da avaliação aos PTT, à semelhança do que se verifica com a divulgação aos encarregados de educação, regista os seus valores mais elevados no final do período. É, no entanto, de salientar que o número de técnicos que refere divulgar a avaliação ao PTT ao longo do período lectivo é superior a 30% no Ensino do Inglês nos 1º e 2º anos, na “Outra Actividade” e no Ensino da Música.

Tabela 36 – Nº de técnicos por periodicidade de divulgação da avaliação aos PTT por AEC (2009/2010)

Periodicidade	EI 1ºe 2º anos	EI 3º e 4º anos	AFD	EM	OA	Total
Ao longo do período lectivo	14	13	26	25	13	91
No final do período	14	49	74	54	16	207

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

2.7. Articulação Curricular

Tendo em consideração que as actividades de enriquecimento curricular devem ser seleccionadas de acordo com os objectivos definidos no Projecto Educativo do agrupamento e devem constar do respectivo Plano Anual de Actividades a sua articulação com as actividades curriculares é fundamental. Esta articulação deveria ter lugar a dois níveis: nível horizontal (com o professor titular de turma e outros técnicos das AEC) e nível vertical (com os departamentos curriculares dos 2º e 3º ciclos) garantindo, assim, que as mesmas contribuem, de forma sequencial e equilibrada, para o desenvolvimento das competências básicas dos alunos.

2.7.1 Articulação horizontal

Analisando os dados constantes na Tabela 37 verifica-se que a articulação com os PTT se faz através da partilha informação sobre os alunos (92%) e da reflexão conjunta sobre o desenvolvimento das competências dos alunos (mais de 72%). É também muito significativa a percentagem de técnicos que programa as actividades em articulação com PTT (64%).

Tabela 37 – Articulação com os PTT (2009/2010)

Articulação com os PTT	Sim		Não	
	Nº	%	Nº	%
Partilha de informação sobre alunos	299	92	25	8
Reflexões conjuntas sobre desenvolvimento de competências alunos	230	71	94	29
Programação de actividades	207	64	117	36
Construção de materiais	44	14	280	86
Construção de instrumentos avaliação	60	19	264	81
Trabalho conjunto	136	42	188	58
Outra	13	4	311	96

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

De salientar que este ano, face aos valores de 2008/2009, se verificou uma ligeira diminuição da articulação em todos os parâmetros excepto no âmbito da partilha de informação sobre os alunos.

Observando os dados por actividades verificamos que esta tendência e hierarquização das formas de articulação é comum a todas as actividades. A partilha de informação sobre os alunos é superior a 90% em todas as actividades, excepto no Ensino do Inglês 3º e 4º ano que apresenta um valor de 84% neste parâmetro.

Tabela 38 – Formas de articulação pedagógica e curricular entre técnicos e PTT, por AEC (2009/2010)

Articulação com o PTT	EI 1º2º		EI 3º4º		AFD		EM		OA	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Partilha de informação sobre alunos	28	93	64	84	99	95	78	96	30	91
Reflexões conjuntas sobre desenvolvimento de competências alunos	23	77	48	63	77	74	55	68	27	82
Programação de actividades	21	70	42	55	62	60	61	75	21	64
Construção materiais	3	10	9	12	6	6	16	20	10	30
Construção de instrumentos avaliação	7	23	11	14	22	21	14	17	6	18
Trabalho conjunto	13	43	12	16	57	55	43	53	11	33
Outra	5	17	2	3	3	3	3	4	0	0

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

A forma de articulação mais frequente com os docentes das AEC, como podemos verificar observando os dados da Tabela 39, é a participação em reuniões de trabalho, seguida da programação das actividades e da reflexão conjunta sobre metodologias e estratégias de ensino aprendizagem.

De realçar que, face aos valores registados no ano anterior, se verificou um aumento da articulação para programação das actividades.

Tabela 39 – Formas de articulação entre os técnicos das AEC (2009/2010)

Articulação entre técnicos das AEC	Sim		Não	
	Nº	%	Nº	%
Participação em reuniões de trabalho	249	77	75	23
Reflexão conjunta sobre metodologias e estratégias de ensino aprendizagem	207	64	117	36
Programação de actividades	213	66	111	34
Seleção de materiais	128	40	196	60
Construção de instrumentos de avaliação	106	33	218	67
Outra	7	2	317	98

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Analisando os dados da Tabela 40, verificamos que a participação em reuniões de trabalho é também a forma de articulação mais referida por actividade. Em segundo lugar surge a programação das actividades, seguida da reflexão conjunta sobre metodologias e estratégias de ensino aprendizagem, excepto na AFD e nas Outras Actividades, em que a reflexão conjunta sobre metodologias e estratégias de ensino aprendizagem surge como segundo registo seguida da programação das actividades.

Tabela 40 – Formas de articulação entre os técnicos, por AEC (2009/2010)

Articulação entre técnicos das AEC	EI 1º 2º		EI 3º 4º		AFD		EM		OA	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Participação em reuniões de trabalho	24	80	51	67	86	83	63	78	25	76
Reflexão conjunta sobre metodologias e estratégias de ensino aprendizagem	20	67	40	53	70	67	53	65	24	73
Programação de actividades	22	73	43	57	69	66	57	70	22	67
Seleção de materiais	13	43	27	36	32	31	39	48	17	52
Construção de instrumentos de avaliação	10	33	18	24	30	29	37	46	11	33
Outra	1	3	1	1	2	2	1	1	2	6

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

2.7.2 Articulação vertical entre técnicos das AEC e docentes dos 2º e 3º ciclos do Agrupamento

No que diz respeito à articulação com os docentes dos 2º e 3º ciclos do Agrupamento é possível constatar que, à semelhança do que acontece na articulação com o PTT, a participação em reuniões de trabalho é a forma de articulação mais utilizada embora não atinja os 50%.

Tabela 41 – Nº de técnicos que fazem articulação com os docentes de 2º e/ou 3º ciclos do agrupamento (2009/2010)

Articulação com os docentes 2º e 3º ciclos do agrupamento	Sim		Não	
	Nº	%	Nº	%
Participação reuniões trabalhos	145	45	179	55
Reflexões conjuntas sobre metodologias e estratégias de Ensino Aprendizagem	110	34	214	66
Programação de actividades	112	35	212	65
Seleção de materiais	57	18	267	82
Construção de instrumentos avaliação	49	15	275	85
Outra	11	3	313	97

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

É no entanto muito significativo o número de técnicos que refere não haver articulação vertical no agrupamento. Esta realidade traduz algum distanciamento por parte das estruturas intermédias e de gestão.

Tabela 42 – Nº de técnicos por AEC, que fazem articulação com os docentes de 2º e/ou 3º ciclos do agrupamento (2009/2010)

Articulação com os docentes do 2º e 3º ciclos do agrupamento	EI 1º2º		EI 3º4º		AFD		EM		OA	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Participação reuniões trabalhos	12	40	38	50	54	52	30	37	11	33
Reflexões conjuntas sobre metodologias e estratégias de Ensino Aprendizagem	11	37	24	32	46	44	24	30	5	15
Programação de actividades	11	37	23	30	47	45	24	30	7	21
Seleção de materiais	5	17	14	18	21	20	12	15	5	15
Construção de instrumentos avaliação	3	10	11	14	19	18	12	15	4	12
Outra	1	3	2	3	4	4	3	4	1	3

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

De referir que, face aos valores de 2008/2009, se verificou um aumento da participação em reuniões de trabalho no Ensino do Inglês 3º e 4º anos e na AFD, tendo esta última registado também um aumento na reflexão conjunta sobre metodologias e estratégias de ensino aprendizagem e da programação das actividades.

2.7.3 Apoio ao Estudo

Analisando a Tabela 43 verifica-se que o número de professores de apoio ao estudo que articulam entre si é muito elevado. Esta articulação faz-se, maioritariamente, através da partilha de materiais e recursos sendo, no entanto, de destacar que 79% refere articular com outros docentes de apoio ao estudo para programação de actividades.

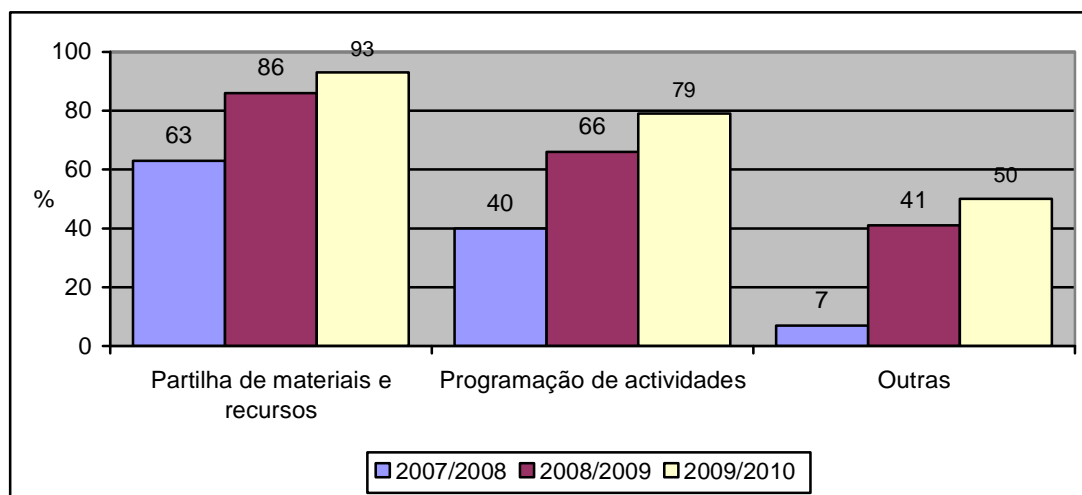
Tabela 43 – Professores de Apoio ao Estudo que articulam informações com outros docentes de Apoio ao Estudo (2009/2010)

Articulação com outros professores de Apoio ao Estudo	Sim	
	Nº	%
Partilha de materiais e recursos	90	93
Programação de actividades	69	79
Outras	9	50

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

É de salientar ainda, que todas as formas de articulação com outros professores de apoio ao estudo apresentam um acentuado aumento face aos dados registados no ano anterior. Este aumento é particularmente significativo na programação das actividades (13%).

Figura 17 – Professores de Apoio ao Estudo que articulam informações com outros docentes de Apoio ao Estudo – (2007/2008 - 2008/2009 e 2009/2010)



Fonte: DGIDC/DRE, 2010

2.8. Supervisão pedagógica

De acordo com o disposto no nº 31 do Despacho 14460/2008, de 26 de Maio, compete ao professor titular de turma assegurar a supervisão pedagógica das actividades de enriquecimento curricular. Para o desenvolvimento desta competência pode recorrer a diferentes formas de articulação (com entidades promotoras e parceiras, docentes das AEC e do Agrupamento, etc.) bem como ao acompanhamento e monitorização do processo.

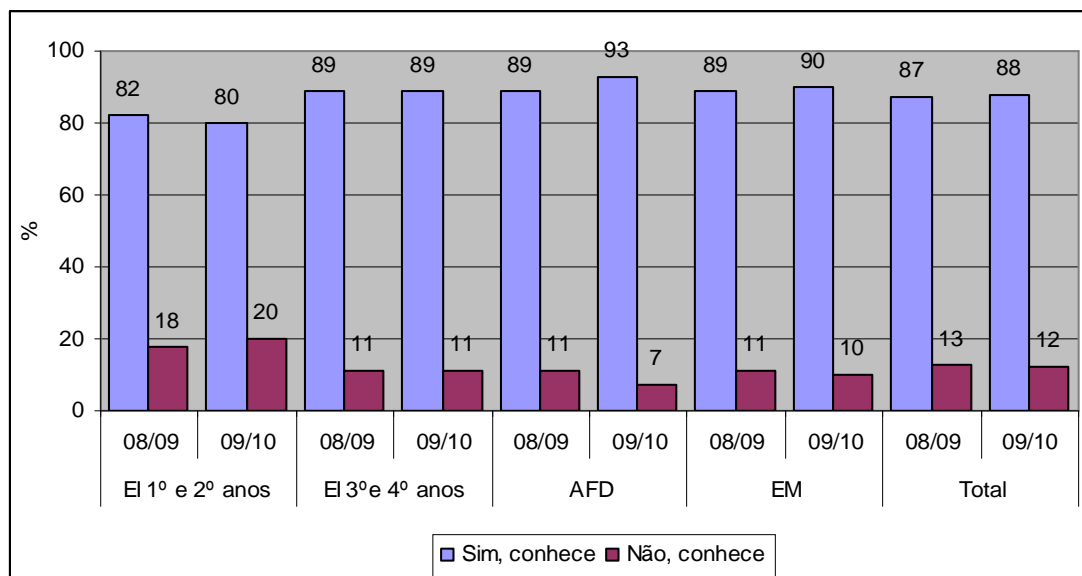
O conhecimento das orientações programáticas, por parte dos professores titulares de turma é um aspecto de particular importância para o acompanhamento e monitorização das AEC.

Tabela 44 – Número e percentagem de PTT em função do conhecimento das orientações programáticas, por AEC (2009/2010)

Conhecimento do PTT das orientações programáticas por AEC	EI 1º e 2º anos		EI 3º e 4º anos		AFD		EM		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Sim, conhece	66	80	86	89	106	93	88	90	346	88
Não, conhece	16	20	11	11	8	7	10	10	45	12

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Figura 18 – Percentagem de PTT em função do conhecimento das orientações programáticas, por AEC (2008/2009 – 2009/2010)



Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Observando os dados da Tabela 44, verifica-se que são ainda muitos os professores titulares de turma que referem não conhecer as orientações programáticas das AEC.

Como se pode observar na Figura 18, todas as actividades, excepto a AFD, apresentam valores acima dos 10%, sendo a situação particularmente preocupante no caso do inglês 1º e 2º anos que apresenta um valor de 20%. O desconhecimento por parte do professor titular de turma das orientações programáticas põe em causa uma efectiva e fundamentada supervisão/acompanhamento deste processo. A esta preocupação acresce o facto de 12% dos docentes referir que o Conselho Pedagógico ou Executivo não exarou orientações para a supervisão das AEC e o Conselho de Docentes também não abordou esta matéria.

No entanto, é de realçar que se registou um aumento de PTT que indicam ter a questão da supervisão da AEC sido objecto de discussão em Conselho de Docentes.

Tabela 45 – Nº de PTT em função de dinâmicas do Conselho Pedagógico e do Conselho de Docentes (2009/2010)

	Sim		Não	
	Nº	%	Nº	%
Recebeu orientações do Conselho Pedagógico ou Executivo p/ Supervisão	102	88	14	12
Em contexto de Conselho de Docentes foram discutidas questões de supervisão	100	88	14	12

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

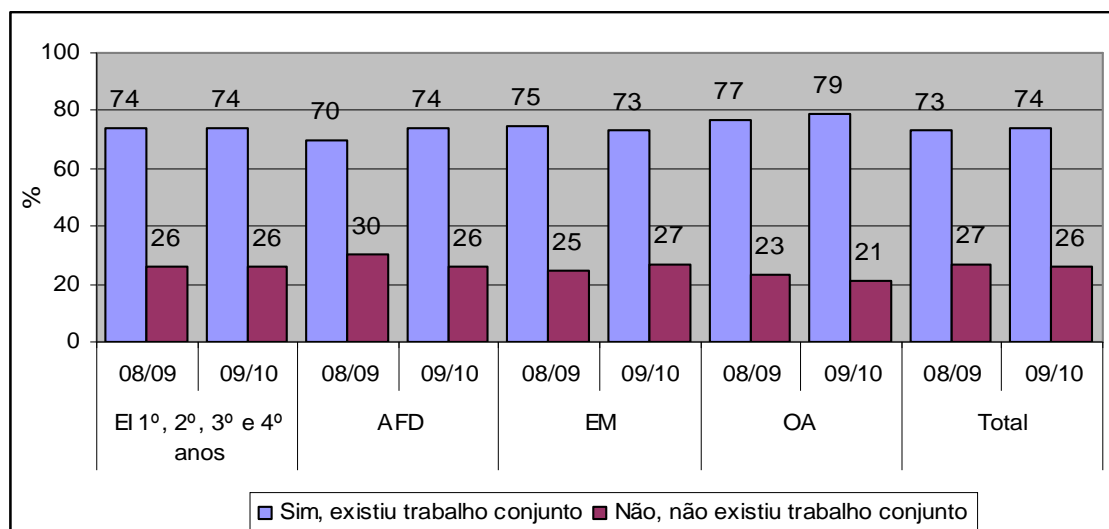
É também de salientar que apenas 74% dos PTT refere ter existido uma programação conjunta com os técnicos das AEC. Se analisarmos esta articulação por actividade verificamos que os valores oscilam entre os 73% e os 79%, estes valores são coerentes com os dados observados no domínio da articulação horizontal (Tabela 38).

Tabela 46 – Nº de PTT que refere ter existido programação conjunta com os respectivos técnicos das AEC (2009/2010)

Trabalho de programação conjunto	EI 1º, 2º, 3º e 4º anos	AFD	EM	OA	Total
Sim, existiu trabalho conjunto	78	80	67	26	251
Não, existiu trabalho conjunto	27	28	25	7	87

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Figura 19 – Percentagem de PTT que refere ter existido programação conjunta com os respectivos técnicos das AEC (2008/2009 – 2009/2010)



Fonte: DGIDC/DRE, 2010

A análise da Figura 19 evidencia a necessidade de continuar a investir no trabalho colaborativo.

Tabela 47 – Nº de PTT que refere acompanhar as AEC, por actividade (2009/2010)

Acompanhamento das AEC	EI 1º, 2º, 3º e 4º anos	AFD	EM	OA	Total
Realiza acompanhamento da AEC	102	100	79	38	319
Não realiza acompanhamento da AEC	8	10	13	8	39

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Apesar dos condicionalismos anteriormente registados, 89% dos professores titulares de turma diz fazer acompanhamento das actividades. Estes valores entram em contradição com os valores registados na Tabela 44 (conhecimento das orientações programáticas) não sendo claro de que forma este acompanhamento pode ser efectivado.

Analisando os dados da Tabela 48, verifica-se que as metodologias de acompanhamento mais utilizadas são as reuniões de trabalho seguidas da observação das actividades, perfazendo mais de 56% das metodologias registadas.

Tabela 48 – Nº de PTT por metodologia de acompanhamento AEC (2009/2010)

Metodologias de acompanhamento	Professores Titulares	
	Nº	%
Reuniões de trabalho	84	32
Elaboração de relatórios intermédios	45	17
Observação de actividades	66	25
Entrevistas/Questionários aos técnicos	14	5
Entrevistas/Questionários aos alunos	22	8
Entrevistas/Questionários aos pais	20	8
Outra	15	6
Total	266	100

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Verificamos que, em todas as actividades as formas de articulação pedagógica entre o PTT e os técnicos das AEC são a partilha de informação sobre os alunos seguida da reflexão conjunta sobre o desenvolvimento de competências dos alunos.

Tabela 49 – PTT que faz articulação pedagógica com o(s) professor(es) das AEC (2009/2010)

Articulação Pedagógica	EI 1º, 2º, 3º e 4º anos	AFD	EM	OA	TOTAL
Partilha a informação sobre os alunos	115	112	98	36	361
Partilha a informação especificamente sobre casos de alunos com NEE	46	50	39	16	151
Reflexão conjunta sobre o desenvolvimento de competências dos alunos	96	91	79	31	297
Reflexão conjunta sobre metodologias e estratégias de ensino aprendizagem	71	65	55	24	215
Construção de materiais	22	16	17	12	67
Construção de instrumentos de avaliação	26	28	23	10	87
Outra	3	3	1	2	9

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

A avaliação do desenvolvimento das AEC feita, maioritariamente, através da elaboração de um relatório global (48%) ou da elaboração de relatórios por actividade (46%) que apresenta uma subida face ao ano anterior.

A realização de reuniões com os pais e encarregados de educação, exclusivamente sobre as AEC, apresenta um valor de 12% o que representa uma diminuição de 19% face ao ano anterior. A maioria dos professores titulares de turma (97%) afirma que foram realizadas reuniões com os pais e encarregados de educação tendo as AEC sido um dos assuntos abordados.

2.9. Observação das Actividades

A observação directa das actividades, por parte de elementos das Direcções Regionais de Educação conjuntamente com os peritos indicados pelas Associações Profissionais de Professores, reveste-se de particular importância pois permite observar parâmetros específicos de cada uma das actividades.

2.9.1 Material didáctico

Na primeira visita foram visitadas 110 escolas nas quais se procedeu à observação das diferentes actividades (num total de 315). Nessa observação uma das dimensões a considerar foi o material utilizado nas diferentes actividades sendo a listagem a que se apresenta na Tabela 50:

Tabela 50 – Material Observado por AEC (2009/2010)

Materiais	EI 1º2º	EI 3º4º	AFD	EM	Outra
Manual	6	29	3	7	1
Outras Publicações	2	14	3	11	0
Caderno do Aluno	10	53	0	28	1
Cartazes	14	34	2	12	6
Dicionários	0	3	0	1	0
Jogos	13	21	5	8	3
Flashcards	17	54	1	7	1
CD	9	28	7	50	5
DVD	1	8	5	7	1
Software	3	5	2	9	2
Kit Instrumentos Musicais	0	0	1	34	6
Outros Instrumentos Musicais	0	0	0	18	1
Flautas de Bisel	0	0	1	19	2
Arcos	0	0	53	1	0
Aparelhos	0	0	22	1	0
Banco Sueco	0	0	22	0	0
Bolas (diversos tipos)	0	0	74	0	0
Colchões	0	0	36	0	0
Coletes	0	0	47	0	0
Cones/Pinos/Sinalizadores	0	0	78	1	0
Cordas	0	0	37	0	0
Patins	0	0	10	0	0
Raquetas	0	0	16	0	0
Planos inclinados	0	0	9	0	0
Redes	0	0	18	0	0
Outro	3	9	14	19	26

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

2.9.2 Documentos

Outro aspecto observado no âmbito das visitas de acompanhamento foi o tipo de documentos utilizado nas AEC. Da análise da Tabela 51 verifica-se que as “planificações”, o “registo de sumários” e o “registo de presenças/faltas dos alunos” são os documentos mais observados nas diferentes actividades.

Tabela 51 – Número de documentos observados, por actividade (2009/2010)

Documentos observados	EI 1º 2º	EI 3º 4º	AFD	EM	OA	Total
Dossier da Turma	12	23	33	21	8	97
Dossier do Professor	11	29	53	41	9	143
Registos de Sumários	23	60	77	61	27	248
Cadernos/Dossier dos Alunos	9	42	2	30	4	87
Planificações	20	59	83	66	26	254
Registo de Avaliação Formativa	1	21	30	18	5	75
Registos Presenças/Faltas Alunos	16	47	70	57	24	214
Outro	2	7	6	1	4	20
Total	94	288	354	295	107	1138

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

2.9.3 Recurso às TIC

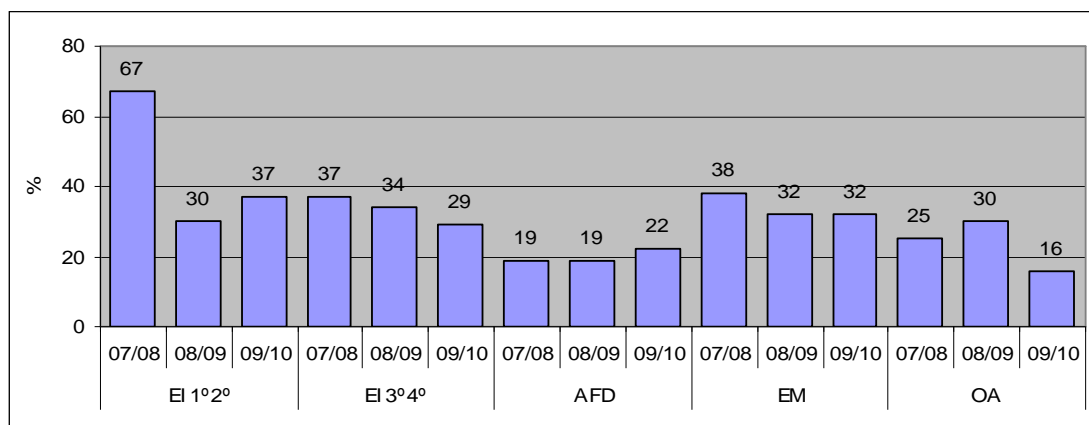
No que concerne ao recurso às TIC podemos observar, a partir da Tabela 52, que apenas 27% recorre às TIC sendo a “Outra” (16%) a que apresenta um valor mais baixo. É de salientar a tendência de descida no recurso às TIC que se verifica no ensino do Inglês 3º e 4º anos.

Tabela 52 – Número de observações em que há evidência do recurso às TIC (2009/2010)

Recurso às TIC	EI 1º2º		EI 3º4º		AFD		EM		Outra		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Evidência de recurso às TIC	10	37	21	29	20	22	24	32	5	16	80	27

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Figura 20 – Percentagem de observações com recurso às TIC (2007/2008 - 2008/2009 e 2009/2010)



Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Face aos valores registados no ano passado verificou-se um ligeiro decréscimo no recurso às TIC, mais evidente na “Outra Actividade” (-14%). Esta constatação está em sintonia com as respostas dos técnicos das diferentes actividades.

2.9.4 Planificação

No que respeita à planificação, o suporte mais utilizado em todas as actividades foi o “livro/caderno/dossier adaptado”, com valores iguais ou superiores a 49%, seguindo-se, em todas as actividades excepto a AFD, o suporte “informático”, com valores que oscilam entre os 18% (“Outra”) e os 29% (Inglês 1º e 2º anos). Face ao ano anterior estes valores representam uma alteração no suporte de planificação a utilizar, bem como um incremento (11%) no recurso à informática.

Tabela 53 – Suporte da Planificação (2009/2010)

Suporte de Planificação	EI 1º2º	EI 3º4º	AFD	EM	Outra	Total
Livro Próprio	3	10	27	11	4	55
Livro/Caderno/Dossier adaptado	14	45	49	51	24	183
Informático	7	19	24	19	6	75

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Quanto ao conteúdo da planificação observada, verificamos que:

- A “planificação pré-concebida pela entidade promotora/parceira” não atinge, em nenhuma actividade, os 20%.
- A “planificação concebida pelo professor” regista, em todas as actividades excepto na AFD, os valores mais elevados (acima dos 34%).
- Na AFD é a planificação concebida “de acordo com as orientações programáticas” que surge com o valor mais elevado (40%).
- Em todas as actividades, excepto em “Outra”, verifica-se uma aproximação percentual entre a “planificação concebida pelo professor” e a “planificação de acordo com as orientações programáticas” cuja diferença máxima é de 4%.
- Não se verificam evidências significativas de “articulação com a planificação do professor titular de turma” em nenhuma das actividades.

Tabela 54 – Observações do Conteúdo da Planificação (2009/2010)

Conteúdo da Planificação	EI 1º2º		EI 3º4º		AFD		EM		Outra		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Pré concebido pela Entidade Promotora / Parceira	8	17	20	14	24	13	23	16	10	18	85	15
Concebida pelo Técnico	18	38	57	39	67	36	48	34	24	44	214	37
De acordo com as Orientações Programáticas	17	35	50	34	74	40	47	33	12	22	200	35
Evidências de articulação com a planificação do PTT	5	10	19	13	22	12	25	17	9	16	80	14

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Relativamente à tipologia da planificação, observando os dados da Tabela 55, verifica-se que, em geral, a “planificação anual” é a mais utilizada. Os valores mais elevados registaram-se no Ensino do Inglês 3º e 4º anos e na AFD. É de destacar que:

- no Ensino da Música a “planificação diária” apresenta os valores mais elevados seguida, com valores muito próximos, da “planificação anual;
- no Ensino do Inglês 1º e 2º anos, a “planificação mensal e a “planificação diária” registam anos os valores mais elevados, com valores muito próximos;
- na “Outra” a “planificação semanal” surge com o segundo valor mais elevado sendo a única actividade a apresentar este registo;

De referir, ainda, que a “planificação diária” é a segunda tipologia mais utilizada em todas as actividades excepto em “Outra Actividade”.

Tabela 55 – Número de observações à tipologia da planificação (2009/2010)

Tipologia da Planificação	EI 1º2º	EI 3º4º	AFD	EM	OA	Total
Diária	12	27	40	31	10	120
Semanal	2	15	28	17	13	75
Mensal	13	9	29	27	9	87
Por período lectivo	7	25	32	23	6	93
Anual	11	46	46	30	14	147

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

2.9.5 Registo de Sumários

O suporte mais utilizado para o registo de sumários é, em todas as actividades, o “livro próprio”, que apresenta no Ensino do Inglês 1º e 2º anos a percentagem mais elevada (75%).

Tabela 56 – Número de observações ao Registo de Sumários das Actividades (2009/2010)

Suporte de Planificação	EI 1º2º	EI 3º4º	AFD	EM	Outra	Total
Livro Próprio	18	42	69	41	21	191
Livro/Caderno/Dossier adaptado	5	28	32	33	12	110
Informático	1	4	9	2	2	18

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Ao analisarmos o tipo de registo dos sumários verificamos que, à semelhança do registado no ano anterior, os “temas abordados” são o registo mais utilizado seguido da “descrição das actividades”. As “experiências de aprendizagem” são o terceiro registo em todas as actividades excepto na AFD em que a “referência aos materiais” apresenta um valor mais elevado.

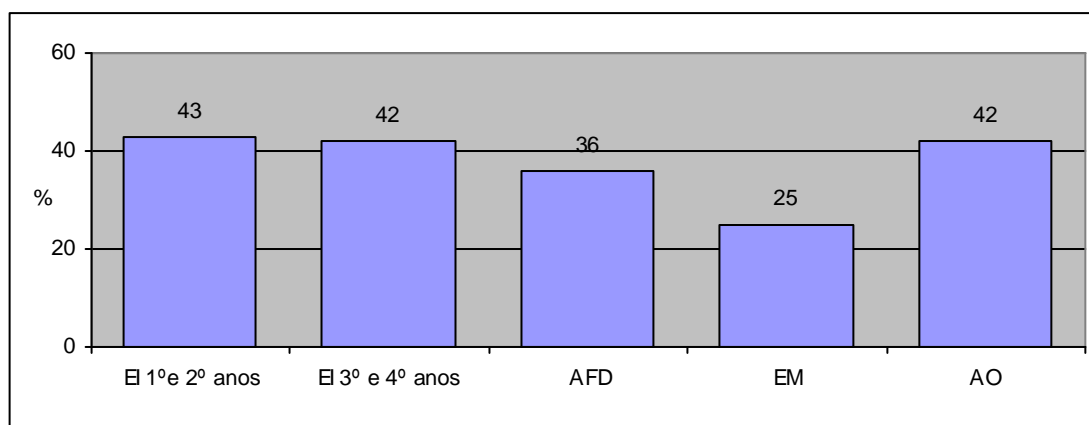
Os “registos actualizados” dos sumários das várias actividades são ainda em número significativo, conforme se pode observar na Tabela 57.

Tabela 57 – Número de tipo de registos de sumários das actividades realizadas (2009/2010)

Tipo de registo dos sumários	EI 1º2º	EI 3º4º	AFD	EM	Outra	Total
Temas abordados	22	61	71	46	21	224
Experiências de aprendizagem	7	16	15	16	7	61
Descrição das actividades	13	44	65	44	16	185
Referência aos materiais	4	16	20	5	4	49
Registos actualizados	13	31	37	20	14	115

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Figura 21 – Percentagem de sumários actualizados, por AEC (2009/2010)



Fonte: DGIDC/DRE, 2010

De entre o universo que tem os registos de sumários actualizados, o Ensino do Inglês e a “Outra Actividade” apresentam a percentagem mais elevada com valores acima dos 40%, como podemos observar na Figura 21.

2.9.6 Instrumentos de avaliação

No que respeita aos instrumentos de avaliação observados, verifica-se que o “Caderno/Dossier do aluno” apresenta mais registos no Ensino do Inglês e no Ensino da Música. As “Grelhas de observação” são o instrumento mais utilizado na AFD. Por sua vez, a “Outra Actividade” recorre a instrumentos de avaliação alternativos. O recurso aos instrumentos de avaliação apresenta variações consoante a actividade em análise, conforme se observa na Tabela 58.

Tabela 58 – Número de registos de instrumentos de avaliação observados (2008/2009)

Instrumentos de Avaliação	EI 1º2º	EI 3º4º	AFD	EM	OA
Portefólios	5	13	6	7	3
Grelhas de observação	4	24	64	21	6
Listas de verificação	1	9	20	15	1
Fichas de auto-avaliação	5	19	10	1	1
Testes/Provas	0	7	8	4	0
Caderno/Dossier do aluno	8	40	1	24	2
Outro	2	6	6	5	10

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

2.9.7 Nível de adequação

No Ensino do Inglês no 1º e 2º ano verifica-se que, no nível de adequação das estratégias/actividades aos alunos bem como aos temas tratados, os registos apresentam valores muito próximos para o “Satisfaz” e o “Satisfaz Bem” o que representa uma melhoria face ao ano anterior. No que se refere ao nível de adequação da planificação o “Satisfaz” apresenta o maior número de registos, tendo-se verificado igualmente um aumento do número de registos “Não satisfaz”, o que representa um recuo relativamente a anos anteriores. Também na adequação dos materiais se verificou um aumento dos registos de “Satisfaz Muito Bem” e “Satisfaz”. No que concerne à qualidade e quantidade geral dos materiais registou-se um aumento do “Satisfaz” e do “Não Satisfaz” particularmente no item “Quantidade”.

Tabela 59 – Apreciação geral a nível do Ensino do Inglês 1º 2º anos (2009/2010)

Inglês 1º 2º anos N = 27	Não Satisfaz	Satisfaz	Satisfaz Bem	Satisfaz Muito Bem
Nível de adequação estratégias/actividades				
aos alunos	4	9	8	6
aos temas tratados	4	9	8	6
Nível de adequação planificação				
aos alunos	3	7	6	6
aos temas tratados	3	7	6	6
Nível de adequação dos materiais				
aos alunos	3	11	5	7
aos temas tratados	3	9	9	5
às experiências de aprendizagem	5	10	6	6
Qualidade Geral dos materiais	2	11	7	6
Quantidade de Materiais	4	10	7	5

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Nas segundas visitas registou-se uma melhoria na adequação das estratégias/actividades, bem como na quantidade e qualidade geral dos materiais. No entanto, apesar dos esforços desenvolvidos pelos diferentes intervenientes no processo, os níveis de adequação da planificação e de adequação dos materiais continuaram a apresentar uma tendência descendente. Esta situação que pode, eventualmente, estar relacionada, entre outros motivos, com a grande mobilidade dos técnicos que ministram esta actividade, deve ser objecto de análise.

No Ensino do Inglês no 3º e 4º anos, no nível de adequação das estratégias/actividades aumentaram os registos de “Satisfaz” o mesmo se tendo verificado no nível de adequação da planificação. No nível de adequação dos materiais, bem como na sua qualidade e quantidade, registou-se um aumento do

“Satisfaz Muito Bem” mas, igualmente, um aumento dos registos de “Não satisfaz”, particularmente na adequação dos materiais às experiências de aprendizagem.

Tabela 60 – Apreciação geral a nível do Ensino do Inglês 3º 4º anos (2009/2010)

Inglês 3º 4º anos N = 77	Não Satisfaz	Satisfaz	Satisfaz Bem	Satisfaz Muito Bem
Nível de adequação estratégias/actividades				
aos alunos	10	25	19	19
aos temas tratados	8	25	21	19
Nível de adequação planificação				
aos alunos	4	25	21	12
aos temas tratados	2	25	21	14
Nível de adequação dos materiais				
aos alunos	7	24	21	21
aos temas tratados	5	23	24	21
às experiências de aprendizagem	11	20	21	21
Qualidade Geral dos materiais	7	22	24	20
Quantidade de Materiais	9	25	19	20

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Na AFD todos os itens apresentam um nível de adequação de “Satisfaz Bem” (resultado similar ao registado o ano passado), seguido de “Satisfaz” e de “Satisfaz Muito Bem”. Continua também a verificar-se, no capítulo dos materiais, a mais baixa frequência de respostas “Não Satisfaz”, se comparada com o Ensino do Inglês e com o Ensino da Música. É de salientar que, face ao ano anterior, se verifica uma ligeira melhoria na sua qualidade e quantidade dos materiais (embora menos significativa no último item).

Tabela 61 – Apreciação geral a nível da Actividade Física e Desportiva (2009/2010)

Actividade Física e Desportiva N = 100	Não Satisfaz	Satisfaz	Satisfaz Bem	Satisfaz Muito Bem
Nível de adequação estratégias/actividades				
aos alunos	3	26	48	22
aos temas tratados	1	29	44	24
Nível de adequação planificação				
aos alunos	1	28	38	26
aos temas tratados	1	28	37	27
Nível de adequação dos materiais				
aos alunos	5	31	33	28
aos temas tratados	5	33	31	27
às experiências de aprendizagem	5	32	31	27
Qualidade Geral dos materiais	9	30	30	27
Quantidade de Materiais	14	28	27	28

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

No Ensino da Música, à semelhança do registado em 2007/2008, todos os campos apresentam um nível de adequação de “Satisfaz” embora se registre um número aumento de respostas no nível “Satisfaz Muito Bem”. É, no entanto, de referir que existe, também, um elevado número de respostas “Não Satisfaz” particularmente no nível de adequação da planificação, no nível de adequação dos materiais às experiências de aprendizagem e na qualidade e quantidade dos materiais. No nível de adequação das estratégias/actividades o número de respostas “Não Satisfaz” foi, igualmente, elevado embora se tenha verificado uma ligeira melhoria neste parâmetro.

Tabela 62 – Apreciação geral a nível do Ensino da Musica (2009/2010)

Ensino da Musica N = 78	Não Satisfaz	Satisfaz	Satisfaz Bem	Satisfaz Muito Bem
Nível de adequação estratégias/actividades				
aos alunos	12	31	9	23
aos temas tratados	9	34	10	21
Nível de adequação planificação				
aos alunos	9	30	11	17
aos temas tratados	9	27	13	19
Nível de adequação dos materiais				
aos alunos	5	40	15	16
aos temas tratados	8	39	14	15
às experiências de aprendizagem	9	37	12	17
Qualidade Geral dos materiais	5	40	14	14
Quantidade de Materiais	13	35	13	12

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Nas “Outras Actividades” verifica-se que, no nível de adequação, há uma aproximação entre os valores de “Satisfaz” e “Satisfaz Bem”, registando o maior número de respostas. Face aos valores do ano anterior verificou-se um aumento das respostas “Não Satisfaz”, embora seja nesta actividade que se continue a observar a menor frequência de respostas neste parâmetro.

Tabela 63 – Apreciação geral a nível do de Outra Actividade (2009/2010)

Outra actividade N = 33	Não Satisfaz	Satisfaz	Satisfaz Bem	Satisfaz Muito Bem
Nível de adequação estratégias/actividades				
aos alunos	3	11	12	6
aos temas tratados	4	11	11	6
Nível de adequação planificação				
aos alunos	3	11	10	5
aos temas tratados	3	11	11	5
Nível de adequação dos materiais				
aos alunos	0	13	12	6
aos temas tratados	1	11	12	6
às experiências de aprendizagem	3	9	13	4
Qualidade Geral dos materiais	0	16	10	4
Quantidade de Materiais	5	13	8	4

Registe-se com preocupação a frequência e o elevado número de apreciações “Não satisfaz” em todas as actividades.

2.9.8 Ao nível das interacções sociais na sala de aula

Analisando a Tabela 64 verificamos que, em todas as actividades, a maioria dos observadores “Concorda” que a interacção professor-aluno conduz à criação de um ambiente favorável à aprendizagem. É no Ensino do Inglês e no Ensino da Música que encontramos mais respostas discordantes.

Tabela 64 – A interacção Professor-aluno conduz à criação de um ambiente favorável à aprendizagem (2009/2010)

	EI 1º2º	EI 3º4º	AFD	EM	OA	Total
Concordo totalmente	7	29	43	34	13	126
Concorda	15	35	49	35	16	153
Discorda	4	8	2	4	2	20
Discorda totalmente	1	0	0	0	0	1

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

No que concerne à interacção entre pares (aluno - aluno), a maioria dos observadores “Concorda” que esta propicia o desenvolvimento das actividades no sentido da construção do saber. É no Ensino do Inglês, em particular no 3º e 4º anos, que encontramos o maior número de respostas menos positivas.

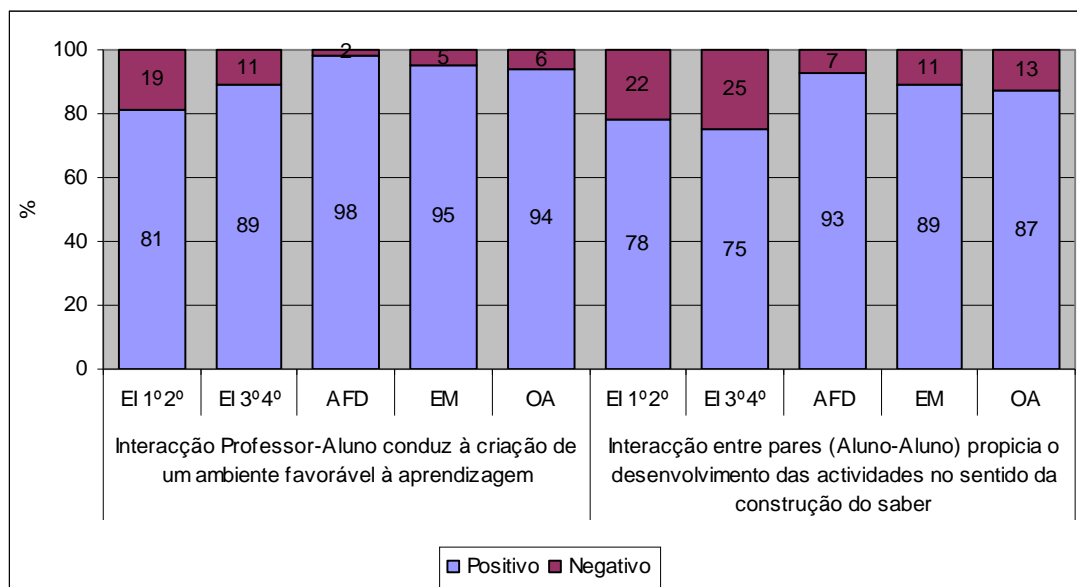
Tabela 65 – A interacção entre pares (Aluno-Aluno) propicia o desenvolvimento das actividades no sentido da construção do saber (2009/2010)

	EI 1º2º	EI 3º4º	AFD	EM	OA	Total
Concordo totalmente	5	14	30	20	8	80
Concorda	16	37	57	45	19	174
Discorda	3	16	7	7	4	37
Discorda totalmente	3	1	0	1	0	5

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Assim, ao nível das interacções sociais na sala de aula predominam as respostas positivas (“Concordo” / “Concordo Totalmente”).

Figura 22 – Nível das interacções sociais na sala de aula (2009/2010)



Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Em síntese, e comparando com o ano anterior, observa-se uma diminuição das respostas “Concordo Totalmente” e um aumento das respostas discordantes, em particular no Ensino do Inglês.

2.9.9 Ao nível das estratégias pedagógicas e aprendizagens dos alunos

Observando os dados da Tabela 66 podemos verificar que, em todas as actividades, se considera que, no que se refere à questão “Revela soluções que conduzem ao desenvolvimento de competências dos alunos” se destaca o “Concordo” seguido do “Concordo Totalmente”. De ressaltar que uma percentagem significativa de respostas mostra discordância, particularmente no Ensino do Inglês e no Ensino da Música.

Tabela 66 – O projecto revela soluções que conduzem ao desenvolvimento de competências dos alunos (2009/2010)

	EI 1º2º	EI 3º4º	AFD	EM	OA	Total
Concordo totalmente	6	14	28	23	6	77
Concorda	14	43	67	39	19	185
Discorda	6	14	2	12	5	39
Discorda totalmente	1	2	0	1	0	4

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Da análise da Tabela 67 é possível aferir que os observadores consideram as AEC reveladoras de soluções que conduzem ao desenvolvimento de autonomia e de hábitos de trabalho. Também aqui o Ensino do Inglês e o Ensino da Música apresentam uma percentagem muito significativa de respostas discordantes.

Tabela 67 – O projecto revela soluções que conduzem ao desenvolvimento de autonomia e hábitos de trabalho (2009/2010)

	EI 1º2º	EI 3º4º	AFD	EM	OA	Total
Concordo totalmente	5	10	25	19	7	69
Concorda	14	48	65	38	19	184
Discorda	5	14	5	15	5	44
Discorda totalmente	3	1	1	1	0	6

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Em relação à motivação dos alunos perante a aprendizagem é de salientar que, no Ensino do Inglês 1º e 2º anos, o “Concordo Totalmente” surge em primeiro lugar seguido do “Concordo”, enquanto nas restantes actividades observamos uma inversão na ordem das respostas. De realçar que, no Ensino do Inglês (em particular o 1º e 2º anos) e no Ensino da Música, o número de observadores que considera que a actividade não motiva os alunos é muito relevante.

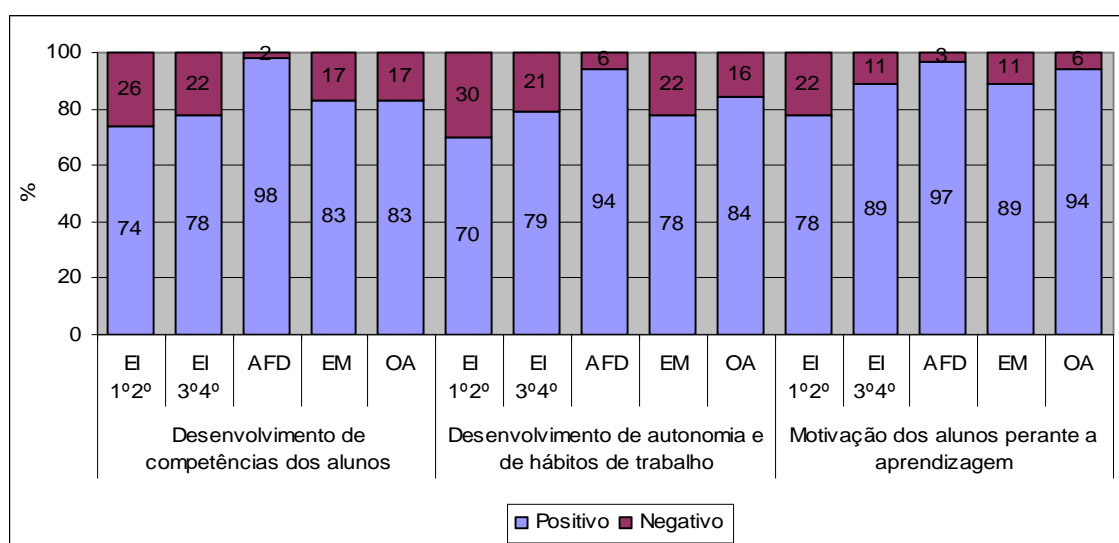
Tabela 68 – O projecto revela soluções que conduzem à motivação dos alunos perante a aprendizagem (2009/2010)

	EI 1º2º	EI 3º4º	AFD	EM	OA	Total
Concordo totalmente	12	28	37	29	10	119
Concorda	9	37	56	38	19	159
Discorda	5	7	3	7	2	24
Discorda totalmente	1	1	0	1	0	3

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Ao nível das estratégias pedagógicas e aprendizagens dos alunos prevalece o “Concordo” / “Concordo Totalmente”. No entanto, o número de respostas discordantes, no Ensino do Inglês e no Ensino da Música, é muito acentuado, apresentando um ligeiro acréscimo face ao ano anterior.

Figura 23 – Nível das estratégias pedagógicas e aprendizagens dos alunos (2009/2010)



Fonte: DGIDC/DRE, 2010

2.9.10. Ao nível da cultura de escola

No que respeita à cultura de escola, um dos aspectos a considerar é a articulação entre ciclos. Neste campo, os observadores consideram que, embora o projecto revele algumas soluções que conduzem à articulação entre ciclos, esta ainda é muito pouco conseguida, tal como se verificou no capítulo da Supervisão Pedagógica. Esta dificuldade está patente em todas as actividades, como podemos observar pela percentagem de respostas negativas verificadas – superior a 50% – em todas as actividades, excepto AFD.

Tabela 69 – O Projecto revela soluções que conduzem a articulação entre ciclos de escolaridade (2009/2010)

	EI 1º 2º	EI 3º 4º	AFD	EM	OA	Total
Concordo totalmente	4	5	15	8	2	34
Concorda	8	28	33	28	10	107
Discorda	10	25	33	30	12	113
Discorda totalmente	4	9	12	8	6	39

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Dos dados da Tabela 70, constata-se que os peritos consideram que as actividades revelam soluções que conduzem a uma maior flexibilidade organizacional (espaços / tempos). No entanto, a percentagem de opiniões discordantes é superior a 20%, em todas as actividades, sendo particularmente sentida no ensino da Música 34%).

Tabela 70 – O Projecto revela soluções que conduzem à flexibilidade organizacional (espaços/tempos) (2009/2010)

	EI 1º2º	EI 3º4º	AFD	EM	OA	Total
Concordo totalmente	5	10	12	10	2	39
Concorda	16	38	59	38	21	175
Discorda	6	19	19	23	7	74
Discorda totalmente	0	1	6	2	1	10

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

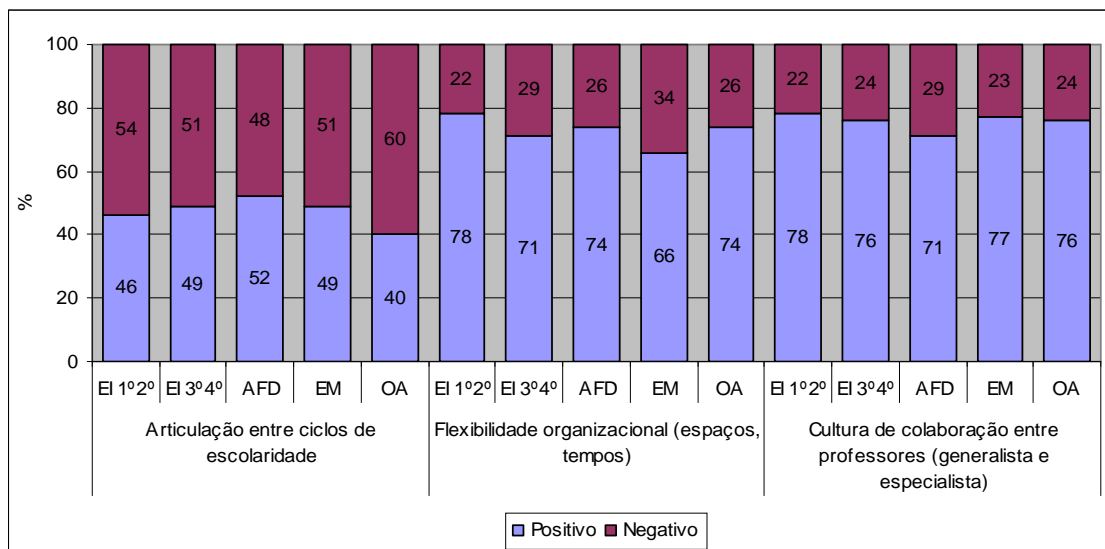
Os observadores consideram que, na maioria dos casos, existe uma cultura de colaboração entre professores e técnicos (generalista e especialista), como se pode observar na Tabela 71, embora as opiniões discordantes apresentam valores superiores a 20% em todas as actividades.

Tabela 71 – O Projecto revela soluções que conduzem a uma cultura de colaboração entre professores e técnicos (generalista e especialista) (2009/2010)

	EI 1º 2º	EI 3º 4º	AFD	EM	OA	Total
Concordo totalmente	5	9	19	12	6	51
Concorda	16	45	48	44	16	169
Discorda	5	15	23	14	6	66
Discorda totalmente	1	2	4	3	1	11

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Figura 24 – Nível da cultura de escola (2009/2010)



Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Face à observação realizada no ano passado verificou-se um aumento de opiniões discordantes no âmbito da cultura de escola.

A análise mais aprofundada das manifestações de discordância registadas nos pontos 2.9.7. a 2.9.10. carece de informação adicional.

2.10. Visitas de acompanhamento – evolução da situação

Para se aferir da evolução das dificuldades identificadas nas 1ªs visitas procedemos ao tratamento dos dados das 65 escolas visitadas duas vezes.

Apresentamos, de seguida, as tabelas comparativas dos principais itens em análise.

2.10.1 Articulação horizontal

No que se refere à articulação horizontal, verificou-se um aumento das diferentes formas de articulação. Na articulação com o PTT o aumento fez-se sentir principalmente na Programação das Actividades, na Construção de Materiais e na Reflexão conjunta sobre o desenvolvimento de competências dos alunos. A Reflexão conjunta sobre metodologias e estratégias de ensino aprendizagem e a Participação em reuniões de trabalho foram os parâmetros onde se verificou um maior aumento da articulação entre os técnicos.

Tabela 72 – Articulação com os PTT (2009/2010)

Articulação com os PTT	1ª Visita		2ª Visita	
	Nº	%	Nº	%
Partilha de informação sobre alunos	156	90	170	96
Reflexões conjuntas sobre desenvolvimento de competências alunos	116	67	141	79
Programação de actividades	93	54	125	70
Construção materiais	18	10	44	25
Construção de instrumentos avaliação	19	11	31	17
Trabalho conjunto	59	34	74	42
Outra	11	6	16	9

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Tabela 73 – Percentagem Formas de articulação pedagógica e curricular entre técnicos e PTT, por AEC (2009/2010)

Articulação com os PTT	EI 1º2º		EI 3º4º		AFD		EM		OA	
	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v
Partilha de informação sobre alunos	88	94	80	91	93	97	100	100	90	95
Reflexões conjuntas sobre desenvolvimento de competências alunos	69	88	61	75	69	79	66	79	75	82
Programação de actividades	69	65	48	70	51	61	63	94	50	64
Construção materiais	13	18	11	34	5	13	13	21	20	50
Construção de instrumentos avaliação	25	24	7	14	11	19	9	21	10	9
Trabalho conjunto	31	47	9	18	48	50	50	61	25	32
Outra	38	59	2	7	5	3	3	0	0	5

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Tabela 74 – Formas de articulação entre os técnicos das AEC (2009/2010)

Articulação entre técnicos das AEC	1ª visita		2ª visita	
	Nº	%	Nº	%
Participação em reuniões de trabalho	118	68	149	84
Reflexão conjunta sobre metodologias e estratégias de ensino aprendizagem	99	57	136	76
Programação de actividades	98	57	122	69
Seleção de materiais	56	32	76	43
Construção de instrumentos de avaliação	45	26	57	32
Outra	5	3	6	3

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Tabela 75 - Formas de articulação entre os técnicos, por AEC (2009/2010)

Articulação entre técnicos das AEC	EI 1º2º		EI 3º4º		AFD		EM		OA	
	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v
Participação em reuniões de trabalho	63	94	61	73	74	85	66	85	75	91
Reflexão conjunta sobre metodologias e estratégias de ensino aprendizagem	56	82	55	61	57	77	56	85	65	86
Programação de actividades	69	76	50	70	52	66	69	73	55	59
Seleção de materiais	56	47	32	43	20	40	38	48	45	36
Construção de instrumentos de avaliação	31	35	18	23	23	35	44	52	20	9
Outra	6	6	0	5	3	5	0	0	10	0

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

2.10.2 Articulação vertical entre técnicos AEC e docentes dos 2º e 3º ciclos do Agrupamento

No que diz respeito à articulação vertical registou-se também um aumento das diferentes formas de articulação, que se fez sentir principalmente na “Reflexão conjunta sobre metodologias e estratégias de ensino aprendizagem”. É de salientar que todas as actividades, excepto a AFD e “Outra Actividade”, registaram um aumento nas formas de articulação.

Tabela 76 – Nº de técnicos que fazem articulação com os docentes de 2º e/ou 3º ciclos do agrupamento (2009/2010)

Articulação com os docentes 2º e 3º ciclos do agrupamento	1ª Visita		2ª Visita	
	Nº	%	Nº	%
Participação reuniões trabalhos	64	37	73	41
Reflexões conjuntas sobre metodologias e estratégias de Ensino Aprendizagem	47	27	61	34
Programação de actividades	50	29	61	34
Seleção de materiais	20	12	28	16
Construção de instrumentos avaliação	24	14	27	15
Outra	4	2	6	3

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Tabela 77 – Nº de técnicos, por AEC, que fazem articulação com os docentes de 2º e/ou 3º ciclos do agrupamento (2009/2010)

Articulação com os docentes do 2º e 3º ciclos do agrupamento	EI 1º2º		EI 3º4º		AFD		EM		OA	
	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v
Participação reuniões trabalhos	25	35	36	50	43	42	38	45	30	18
Reflexões conjuntas sobre metodologias e estratégias de Ensino Aprendizagem	25	29	25	45	36	35	25	33	10	14
Programação de actividades	31	41	25	43	34	40	28	24	20	9
Seleção de materiais	19	18	16	32	10	8	9	12	5	9
Construção de instrumentos avaliação	13	24	14	23	13	11	19	18	10	0
Outra	0	0	2	9	5	3	0	0	0	0

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

2.10.3 Apoio ao Estudo

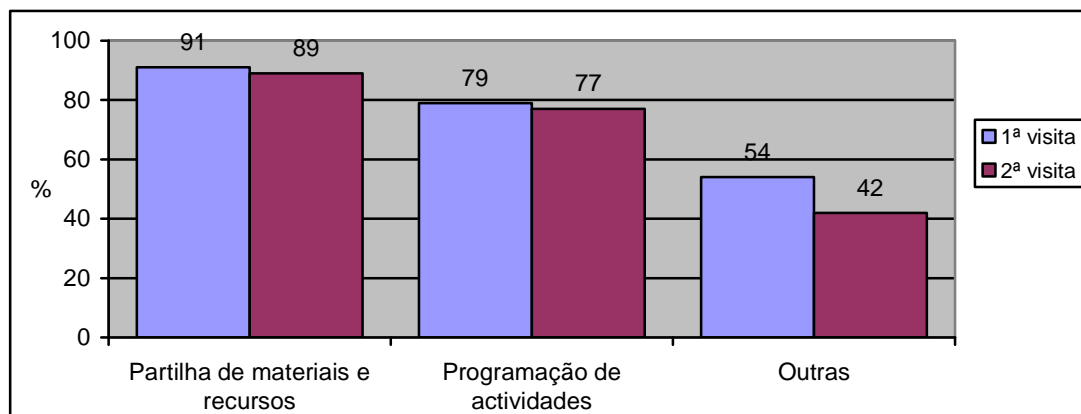
Verificou-se uma ligeira tendência negativa no domínio da articulação com outros docentes.

Tabela 78 – Professores de Apoio ao Estudo que articulam informações com outros docentes de Apoio ao Estudo (2009/2010)

Articulação com outros docentes	1ª Visita		2ª Visita	
	Nº	%	Nº	%
Partilha de materiais e recursos	52	91	50	89
Programação de actividades	42	79	40	77
Outras	7	54	5	42

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Figura 25 - Professores de Apoio ao Estudo que articulam informações com outros docentes de Apoio ao Estudo



Fonte: DGIDC/DRE, 2010

2.10.4. Supervisão pedagógica

Nas segundas visitas constatou-se uma melhoria no acompanhamento e supervisão das AEC por parte das estruturas dos Agrupamento e dos PTT. Apesar do aumento verificado é ainda significativa a percentagem de PTT que não realiza acompanhamento das actividades.

Tabela 79 – Percentagem de PTT em função do conhecimento das Orientações Programáticas, por AEC (2009/2010)

	EI 1º2º		EI 3º4º		AFD		EM		Total	
	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v
Sím, conhece	77	86	82	86	91	92	87	90	85	89
Não, conhece	23	14	18	14	9	8	13	10	15	11

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Tabela 80 - Nº de PTT em função de dinâmicas do Conselho Pedagógico e do Conselho de Docentes (2009/2010)

	1ª Visita		2ª Visita	
	Nº	%	Nº	%
Recebeu orientações do Conselho Pedagógico ou Executivo p/ Supervisão	57	86	61	91
Em contexto de Conselho de Docentes foram discutidas questões de supervisão	56	85	64	96

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Tabela 81 – Percentagem de PTT que refere ter existido programação conjunta com os respectivos técnicos das AEC (2009/2010)

Trabalho de programação conjunto	EI 1º, 2º, 3º e 4º anos		AFD		EM		OA		Total	
	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v
Sim, existiu trabalho conjunto	68	81	66	80	60	74	80	82	66	79
Não, existiu trabalho conjunto	32	19	34	20	40	26	20	18	34	21

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Tabela 82 – Nº de PTT que refere acompanhar as AEC, por actividade (2009/2010)

Acompanhamento das AEC	EI 1º, 2º, 3º e 4º anos		AFD		EM		OA		Total	
	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v
Realiza acompanhamento da AEC	89	92	87	89	78	89	81	91	85	90
Não realiza acompanhamento da AEC	11	8	13	11	22	11	19	9	15	10

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Tabela 83 – Nº de PTT por metodologia de acompanhamento AEC (2009/2010)

Metodologias de acompanhamento	1ª visita		2ª visita	
	Nº	%	Nº	%
Reuniões de trabalho	47	29	54	31
Elaboração de relatórios intermédios	25	16	31	18
Observação de actividades	35	22	40	23
Entrevistas/Questionários aos técnicos	10	6	12	7
Entrevistas/Questionários aos alunos	16	10	14	8
Entrevistas/Questionários aos pais	16	10	16	9
Outra	11	7	10	6
Total	160	100	177	100

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Tabela 84 - PTT que faz articulação pedagógica com o(s) professor(es) das AEC (2009/2010)

Articulação Pedagógica	EI 1º, 2º, 3º e 4º anos		AFD		EM		OA		TOTAL	
	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v
Partilha a informação sobre os alunos	66	67	65	68	53	49	24	30	208	214
Partilha a informação especificamente sobre casos de alunos com NEE	23	22	25	23	18	17	9	9	75	71
Reflexão conjunta sobre o desenvolvimento de competências dos alunos	57	62	52	61	43	46	22	32	174	201
Reflexão conjunta sobre metodologias e estratégias de ensino aprendizagem	39	50	35	49	26	35	17	30	117	164
Construção de materiais	13	14	11	11	8	10	8	11	40	46
Construção de instrumentos de avaliação	12	15	13	17	9	12	6	9	40	53
Outra	1	3	1	3	1	1	0	2	3	9

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

2.10.5. Nível de adequação

Nas segundas visitas registou-se uma melhoria nos níveis de adequação das diferentes actividades. No entanto, verificou-se um aumento de registos “não satisfaz” ao nível da adequação da planificação, no Ensino do Inglês, e ao nível da adequação dos materiais na “Outra Actividade”.

Tabela 85 – Apreciação geral a nível do Ensino do Inglês 1º 2º anos (2009/2010)

Inglês 1º e 2º anos	Não Satisfaz		Satisfaz		Satisfaz Bem		Satisfaz Muito Bem	
	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v
Nível de adequação estratégias/actividades								
aos alunos	25	14	17	43	25	21	33	21
aos temas tratados	25	7	25	57	25	14	25	21
Nível de adequação planificação								
aos alunos	17	21	17	29	17	21	25	29
aos temas tratados	17	14	17	36	17	29	25	21
Nível de adequação dos materiais								
aos alunos	17	14	42	14	8	50	33	21
aos temas tratados	17	14	33	21	33	43	17	21
às experiências de aprendizagem	25	21	33	21	25	43	17	14
Qualidade Geral dos materiais	17	0	33	21	25	64	17	14
Quantidade de Materiais	25	7	25	29	17	43	25	21

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Tabela 86 – Apreciação geral a nível do Ensino do Inglês 3º 4º anos (2009/2010)

Inglês 3º e 4º anos	Não Satisfaz		Satisfaz		Satisfaz Bem		Satisfaz Muito Bem	
	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v
Nível de adequação estratégias/actividades								
aos alunos	15	16	42	22	21	40	23	22
aos temas tratados	13	13	42	24	27	38	19	24
Nível de adequação planificação								
aos alunos	4	11	42	29	31	38	6	18
aos temas tratados	4	9	42	27	29	44	8	16
Nível de adequação dos materiais								
aos alunos	8	7	42	27	27	44	23	22
aos temas tratados	8	7	40	24	29	44	23	24
às experiências de aprendizagem	15	13	35	27	27	38	23	22
Qualidade Geral dos materiais	8	4	38	36	31	33	23	24
Quantidade de Materiais	15	11	42	33	23	33	21	22

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Tabela 87 – Apreciação geral a nível da Actividade Física e Desportiva (2009/2010)

Actividade Física e Desportiva	Não Satisfaz		Satisfaz		Satisfaz Bem		Satisfaz Muito Bem	
	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v
Nível de adequação estratégias/actividades								
aos alunos	3	0	34	32	47	45	15	22
aos temas tratados	2	3	36	27	44	48	19	18
Nível de adequação planificação								
aos alunos	2	0	34	35	37	42	19	17
aos temas tratados	2	2	34	35	36	42	20	15
Nível de adequação dos materiais								
aos alunos	8	7	34	23	32	48	24	20
aos temas tratados	8	7	34	23	31	53	24	15
às experiências de aprendizagem	8	5	34	28	31	50	24	17
Qualidade Geral dos materiais	12	7	36	33	25	32	25	28
Quantidade de Materiais	20	8	29	30	25	37	25	25

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Tabela 88 – Apreciação geral a nível do Ensino da Música (2009/2010)

Ensino da Música	Não Satisfaz		Satisfaz		Satisfaz Bem		Satisfaz Muito Bem	
	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v
Nível de adequação estratégias/actividades								
aos alunos	26	13	53	43	8	20	13	25
aos temas tratados	18	8	61	45	11	23	11	25
Nível de adequação planificação								
aos alunos	21	13	53	43	5	25	8	15
aos temas tratados	16	10	53	43	8	28	11	15
Nível de adequação dos materiais								
aos alunos	11	3	68	53	13	25	8	20
aos temas tratados	16	8	68	50	11	23	5	20
às experiências de aprendizagem	18	8	63	50	11	25	8	18
Qualidade Geral dos materiais	8	5	66	50	11	23	11	23
Quantidade de Materiais	29	5	50	58	13	23	5	15

Tabela 89 – Apreciação geral a nível do de Outra Actividade (2009/2010)

Outra Actividade	Não Satisfaz		Satisfaz		Satisfaz Bem		Satisfaz Muito Bem	
	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v
Nível de adequação estratégias/actividades								
aos alunos	9	4	33	38	15	46	6	12
aos temas tratados	12	8	33	35	12	46	6	12
Nível de adequação planificação								
aos alunos	9	0	33	46	18	31	0	8
aos temas tratados	9	0	33	54	18	27	0	8
Nível de adequação dos materiais								
aos alunos	0	4	36	50	21	38	6	8
aos temas tratados	3	4	30	42	21	42	6	8
às experiências de aprendizagem	9	8	24	42	24	42	3	8
Qualidade Geral dos materiais	0	4	42	54	18	35	3	8
Quantidade de Materiais	15	8	30	50	15	35	3	8

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

2.10.6. Ao nível das interacções sociais na sala de aula

Nas segundas visitas verificou-se uma melhoria nas interacções sociais na sala de aula particularmente na interacção entre pares (aluno-aluno). Na interacção professor-aluno é de referir que a AFD não registou alterações e a “Outra Actividade” apresenta mais registos discordantes.

Tabela 90 – A interacção Professor-aluno conduz à criação de um ambiente favorável à aprendizagem (2009/2010)

	EI 1º2º		EI 3º4º		AFD		EM		OA		Total	
	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v
Concordo totalmente	3	6	19	21	27	27	12	16	4	8	65	78
Concorda	5	5	21	17	29	30	22	24	15	14	92	90
Discorda	3	3	8	6	1	1	2	0	2	2	16	12
Discorda totalmente	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1

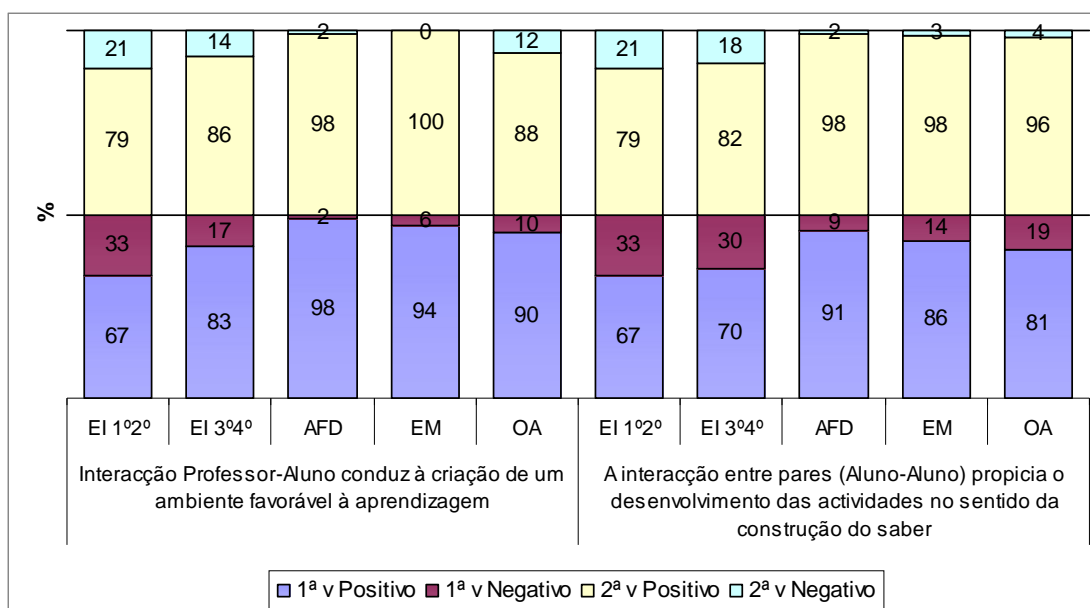
Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Tabela 91 – A interacção entre pares (Aluno-Aluno) propicia o desenvolvimento das actividades no sentido da construção do saber (2009/2010)

	EI 1º2º		EI 3º4º		AFD		EM		OA		Total	
	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v
Concordo totalmente	3	2	7	19	18	19	7	12	1	4	36	56
Concorda	5	9	25	17	34	37	23	27	16	20	103	110
Discorda	1	3	13	7	5	1	5	1	4	0	28	12
Discorda totalmente	3	0	1	1	0	0	0	0	0	1	4	2

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Figura 26 - Nível das interacções sociais na sala de aula (2009/2010)



Fonte: DGIDC/DRE, 2010

2.10.7. Ao nível das estratégias pedagógicas e aprendizagens dos alunos

No que se refere ao nível das estratégias pedagógicas e aprendizagens dos alunos, nas segundas visitas, verificou-se um aumento significativo do número de registos “Concorda” / “Concorda Totalmente”, com todos os parâmetros a registarem valores superiores a 85% excepto no item “motivação dos alunos perante a aprendizagem” em que, no Ensino do Inglês no 1º e 2º ano se registaram 79% e no 3º e 4º anos 84%.

Tabela 92 – O projecto revela soluções que conduzem ao desenvolvimento de competências dos alunos (2009/2010)

	EI 1º2º		EI 3º4º		AFD		EM		OA		Total	
	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v
Concordo totalmente	4	4	8	20	14	23	6	11	2	7	34	65
Concorda	3	8	27	19	42	35	22	23	13	17	107	102
Discorda	4	2	12	4	2	2	10	5	5	1	33	14
Discorda totalmente	1	0	1	2	0	0	0	1	0	1	2	4

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Tabela 93 – O projecto revela soluções que conduzem ao desenvolvimento de autonomia e hábitos de trabalho (2009/2010)

	EI 1º2º		EI 3º4º		AFD		EM		OA		Total	
	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v
Concordo totalmente	2	2	3	15	14	17	5	8	3	6	27	48
Concorda	5	9	33	23	37	38	20	27	13	16	108	113
Discorda	2	3	12	5	5	4	13	4	5	2	37	18
Discorda totalmente	3	0	0	2	1	0	0	1	0	1	4	4

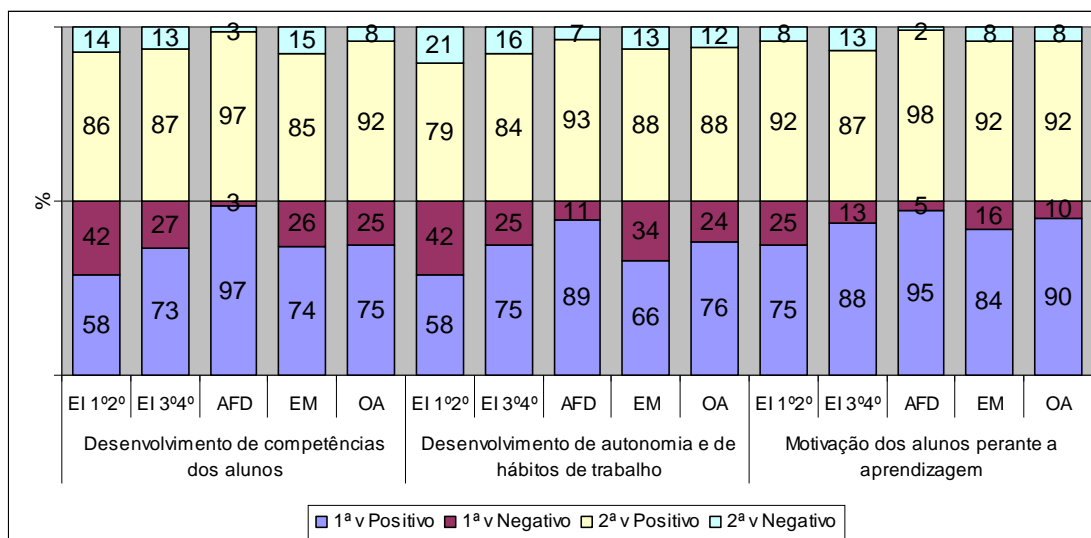
Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Tabela 94 – O projecto revela soluções que conduzem à motivação dos alunos perante a aprendizagem (2009/2010)

	EI 1º2º		EI 3º4º		AFD		EM		OA		Total	
	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v
Concordo totalmente	5	4	17	24	23	27	9	12	3	9	57	76
Concorda	4	8	25	15	32	32	22	24	16	15	99	94
Discorda	2	1	5	3	3	1	6	1	2	1	18	7
Discorda totalmente	1	0	1	3	0	0	0	2	0	1	2	6

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Figura 27 – Nível das estratégias pedagógicas e aprendizagens dos alunos (2009/2010)



Fonte: DGIDC/DRE, 2010

2.10.8. Ao nível da cultura de escola

Nas segundas visitas registou-se uma melhoria ao nível da cultura de escola. No entanto, continua a ser neste domínio que se verifica a maior dificuldade de implementação do projecto nomeadamente no que se refere à articulação entre ciclos onde os registos positivos oscilam entre os 44 e os 55%.

Tabela 95 – O Projecto revela soluções que conduzem a articulação entre ciclos de escolaridade (2009/2010)

	EI 1º2º		EI 3º4º		AFD		EM		OA		Total	
	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v
Concordo totalmente	1	1	4	5	8	5	1	3	1	0	15	14
Concorda	2	6	16	19	16	23	11	14	5	11	50	73
Discorda	6	4	19	13	21	24	19	17	11	12	76	70
Discorda totalmente	3	3	7	7	11	6	6	4	5	2	32	22

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Tabela 96 – O Projecto revela soluções que conduzem à flexibilidade organizacional (espaços/tempo) (2009/2010)

	EI 1º2º		EI 3º4º		AFD		EM		OA		Total	
	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v
Concordo totalmente	0	1	4	4	4	4	2	4	1	1	11	14
Concorda	9	9	21	27	37	36	18	24	16	20	101	116
Discorda	3	3	19	11	13	14	14	8	4	4	53	40
Discorda totalmente	0	1	1	2	4	2	2	2	1	1	8	8

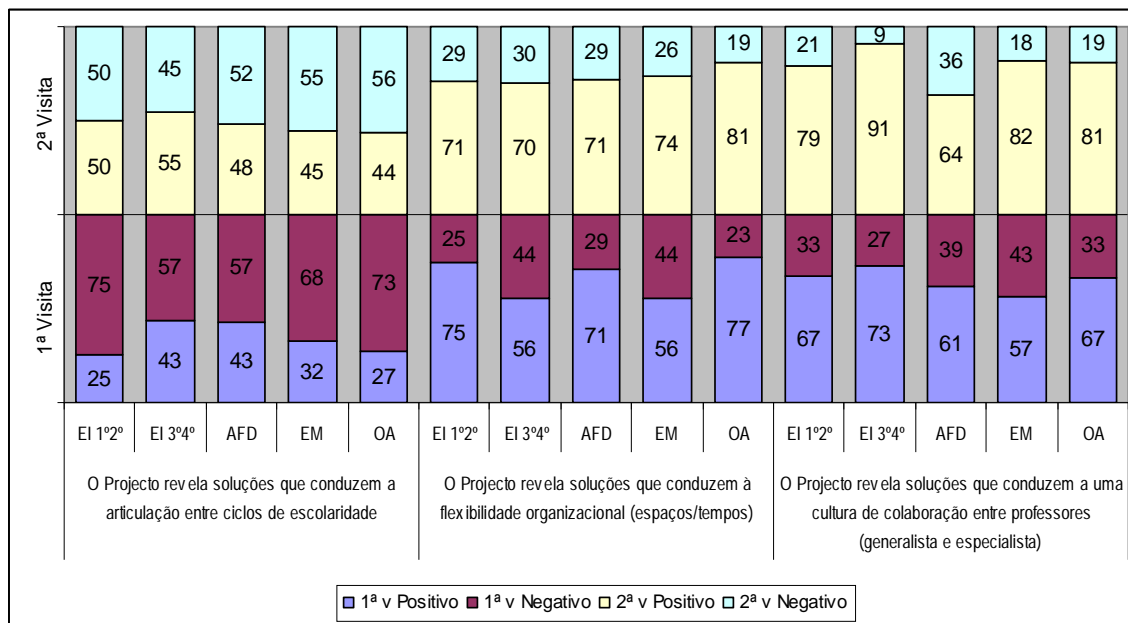
Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Tabela 97 – O Projecto revela soluções que conduzem a uma cultura de colaboração entre professores (generalista e especialista) (2009/2010)

	EI 1º2º		EI 3º4º		AFD		EM		OA		Total	
	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v	1ª v	2ª v
Concordo totalmente	1	3	6	10	9	7	2	2	3	3	21	25
Concorda	7	8	29	31	26	30	19	30	11	18	92	117
Discorda	3	3	12	4	18	20	14	7	6	5	53	39
Discorda totalmente	1	0	1	0	4	1	2	0	1	0	9	1

Fonte: DGIDC/DRE, 2010

Figura 28 – Nível da cultura de escola (2009/2010)



Fonte: DGIDC/DRE, 2010

3. REFLEXÕES SOBRE AS VISITAS DE ACOMPANHAMENTO

3.1. Ponto de vista das Direcções Regionais de Educação

Conforme se pode ler na Nota Metodológica, foram realizadas visitas de acompanhamento no 1º e 2º período de 2009/2010 tendo, no 3º período, sido repetidas as observações nas escolas que evidenciaram dificuldades na implementação do programa.

Estas visitas de acompanhamento revestem-se de particular importância pois permitem o contacto directo com os diversos intervenientes no processo, fomentando a partilha de ideias, a identificação das dificuldades e as soluções encontradas. De referir o carácter pedagógico e formativo dos instrumentos de recolha de dados, os quais, quando da sua aplicação, potenciam a reflexão e a partilha.

É ainda de salientar a importância das Mesas-Redondas como momento de reunião simultânea entre os diferentes intervenientes neste processo, facilitando a troca de informações e a partilha de experiências e possibilitando identificar constrangimentos e encontrar soluções.

De seguida, apresentam-se alguns dos aspectos mais significativos dos relatórios produzidos pelas Direcções Regionais de Educação e pelos intervenientes nas mesas redondas. Esta síntese apenas pretende coligir e realçar os principais aspectos/conclusões resultantes destes momentos de reflexão e não reproduzir integralmente os documentos analisados.

3.1.1 Aspectos estruturais

Condições físicas dos espaços onde têm lugar as actividades e recursos materiais

As condições de adequação dos espaços onde tem lugar as actividades são, maioritariamente, satisfatórias. A maior dificuldade regista-se no âmbito da AFD com espaços inadequados e carência de materiais (qualidade e quantidade). Para colmatar esta situação são, muitas vezes, estabelecidas parcerias com entidades locais o que permite rentabilizar espaços e se tem revelado uma boa prática. No entanto, esta

situação implica a deslocação dos alunos e um esforço acrescido, por parte de todos os intervenientes, para garantir que a mesma decorra de acordo com as normas/regras de segurança legalmente estabelecidas.

Apesar da dificuldade com o transporte dos alunos, o recurso a espaços alternativos é, muitas vezes, visto como um factor positivo pois resulta num incentivo aos alunos e permite minimizar um dos condicionalismos apontados a este programa – o tempo excessivo que os alunos permanecem em sala de aula.

São também registadas diversas situações em que o espaço, normalmente a sala de aula, não é o mais apropriado para o Ensino da Música que se depara com alguns constrangimentos na adequação dos espaços e dos materiais. A inexistência de materiais em quantidade suficiente é uma dificuldade também referida, em particular nas Outras Actividades.

De salientar o empenho dos agrupamentos e das entidades na aquisição / substituição dos equipamentos e materiais necessários ao bom desenvolvimento das actividades o que tem permitido colmatar/minimizar algumas das situações reportadas.

Horário de funcionamento das actividades e constituição de turmas

O horário de funcionamento das actividades é um dos constrangimentos à fidelização dos técnicos bem como à consecução da articulação horizontal e vertical.

O recurso à flexibilização permite a oferta de horários mais atractivos para os técnicos e pode resultar numa melhoria da articulação, nomeadamente horizontal – mas nem sempre é bem aceite pelos encarregados de educação, em particular quando estes não participam na definição dos períodos de funcionamento das AEC.

Nalguns casos (DREC) recorreu-se à concentração de dois tempos numa tarde (tardes temáticas). Esta opção (excepto no caso do inglês) permite minimizar as deslocações dos técnicos, colmatar a falta de AAE e contribuir para a planificação conjunta.

Na distribuição da carga horária verifica-se que alguns agrupamentos procuram acautelar os momentos para os alunos lançarem e brincarem, variando o tempo de duração entre as actividades.

Foram, no entanto, registadas algumas situações em que a duração legalmente prevista para cada actividade não estava a ser cumprida, nomeadamente por dificuldades na contratação de técnicos com o perfil preconizado e na distribuição dos espaços, em particular nas escolas que funcionam em regime duplo.

Embora a constituição das turmas respeite, na sua maioria, o preconizado no despacho, nalguns casos, verificou-se a necessidade de juntar alunos oriundos de uma ou mais turmas de anos diferentes. Esta situação, que se deveu, entre outros factores, à fraca adesão dos encarregados de educação na inscrição dos seus educandos nestas actividades, apresenta diversos constrangimentos e não potencia a articulação horizontal.

Mobilização de recursos humanos

O recrutamento e fidelização dos recursos humanos é, neste momento, uma das fragilidades do programa. A dificuldade de contratação de técnicos com o perfil preconizado para o Ensino do Inglês, e as substituições ao longo do ano lectivo geram dificuldades organizativas e um aumento do recurso à flexibilização. De salientar a preocupação que alguns parceiros demonstram em assegurar a sua substituição.

Também no Ensino da Música a falta de técnicos com o perfil constante do Despacho se continua a fazer sentir o que implica, em muitas situações, a alteração da actividade.

Sempre que a selecção de técnicos foi feita em parceria – Entidade Promotora / Agrupamento – resultou numa maior adequação do seu perfil. O desenvolvimento de um processo de selecção partilhado facilita a fidelização dos técnicos e a articulação entre os diferentes intervenientes. De realçar o melhor entendimento por parte das direcções dos agrupamentos do seu papel na análise/verificação dos currículos dos técnicos a contratar pelas entidades promotoras/parceiras. Mas, algumas escolas ainda têm dificuldade em se organizarem atempadamente para este fim, demorando a agir ou preferindo mesmo ignorar a situação.

A formação foi reconhecida como um factor de qualificação e melhoria das competências profissionais dos técnicos.

Articulação entre parceiros

Verificou-se uma evolução positiva neste processo com uma melhoria na articulação Entidade Promotora/Agrupamentos. No entanto, quando a actividade é assegurada por entidades parceiras, verificaram-se alguns constrangimentos sendo a articulação mais difícil de operacionalizar. De salientar o esforço dos diferentes intervenientes para encontrar formas de ultrapassar / minimizar esta situação.

Apesar das melhorias registadas, continuam a verificar-se situações em que a supervisão é assumida pela entidade promotora / parceira em detrimento dos Professores Titulares de Turma e dos respectivos Departamentos Curriculares.

3.1.2 Aspectos dinâmicos

Articulação curricular e supervisão pedagógica.

A articulação curricular e os diferentes aspectos da supervisão pedagógica continuam a preocupar as diferentes entidades.

A **Articulação horizontal** apresenta avanços significativos, embora ainda muito sustentada no contacto informal tendo em vista a resolução imediata de problemas (em geral questões sobre o comportamento dos alunos) que vão depois evoluindo para uma articulação mais estruturada. Nalguns agrupamentos ela começa a fazer-se de forma efectiva e sistémica.

Verificou-se uma melhoria na articulação entre os PTT e os técnicos das AEC sendo de registar a consistência deste trabalho em algumas escolas. A dificuldade de conciliação de horários e o não pagamento aos técnicos de horas para a realização de reuniões são dois dos maiores obstáculos. Apesar das dificuldades referidas têm-se verificado uma grande disponibilidade de todos os intervenientes para procurar soluções que permitam uma efectiva articulação pedagógica.

A inclusão das AEC nos planos curriculares ainda não se verifica, havendo no entanto, uma maior consciência de que estas devem fazer parte do Plano Anual de Actividades e do Projecto Educativo.

A **Articulação vertical** ainda é muito deficitária. As mesas redondas são, em muitos casos, o primeiro contacto que os departamentos têm com as AEC e respectivas Orientações Programáticas.

Apesar deste condicionalismo é de salientar que se começa a perceber a preocupação, por parte dos departamentos curriculares, em desenvolver um trabalho de apoio aos técnicos. Algumas entidades promotoras/parceiras também reconhecem a sua maior valia e incluem, nos contratos de trabalho, o pagamento de horas para reuniões.

Orientações Programáticas

As planificações pré-concebidas pelas entidades promotoras / parceiras apresentam, em alguns casos, desvios ao preconizado nas Orientações Programáticas das diferentes actividades. As Direcções dos Agrupamentos estão mais sensíveis para a necessidade premente de corrigir este desvio, através de mecanismos pedagógicos internos que possibilitem a supervisão e a articulação.

Envolvimento dos pais e encarregados de educação

Embora se registre um maior envolvimento dos pais e encarregados de educação o entendimento que estes têm das AEC é muito diferenciado. A forma como os agrupamentos transmitem a informação é fundamental neste processo. A realização, no início do ano lectivo, de uma reunião em que estão presentes os pais e encarregados de educação bem como os técnicos das diferentes actividades, ou a participação/assistência dos pais nas próprias actividades, são factores essenciais para uma mudança na forma de encarar as AEC.

Os condicionalismos de participação dos pais estão mais esbatidos nas escolas de menor dimensão.

A excessiva mobilidade dos técnicos, os longos períodos sem substituição e a flexibilização de horários criam grande instabilidade e dificuldades acrescidas na relação com os encarregados de educação e na aceitação das AEC por parte dos mesmos.

3.1.3 Melhorias e soluções encontradas e dificuldades por superar

Nas segundas visitas foram diversas as melhorias / soluções encontradas:

- Reuniões periódicas com os docentes do 2º ciclo;
- Integração das AEC nos projectos curriculares de escola/turma e envolvimento dos técnicos das AEC na sua construção;
- Envolvimento das estruturas de orientação educativa na definição de orientações pedagógicas para o desenvolvimento das AEC;
- Investimento por parte das entidades promotoras com a aquisição de materiais e na melhoria dos espaços para a prática da AFD, nomeadamente no sentido de garantir condições de segurança para a prática desportiva;
- Recurso às novas tecnologias como meio facilitador do contacto entre os diferentes intervenientes (PTT / Técnicos / Departamentos Curriculares);
- Divulgação aos encarregados de educação das Orientações Programáticas e convite para que participem / colaborem;
- Reestruturação da distribuição dos tempos das AEC e das Actividades Curriculares.
- Reorganização dos horários das actividades para diminuir o tempo de espera nas deslocações;
- Reuniões entre os agrupamentos e as entidades promotoras e parceiras;
- Criação de instrumentos de registo facilitadores da comunicação entre os diferentes intervenientes no processo.

As soluções encontradas, resultantes do esforço dos diferentes intervenientes no processo, permitiram:

- Melhorar a articulação pedagógica e curricular;
- Reforçar o processo de supervisão pedagógica;
- Proceder à substituição de actividades / técnicos;
- Melhorar a qualidade e quantidade dos materiais;
- Melhorar os espaços ou procurar espaços alternativos;
- Assumpção e aplicação, pelos técnicos das AEC, das recomendações pedagógicas feitas nas primeiras visitas demonstrativas do impacto e aceitação dos contributos dos peritos.

Dificuldades ainda por superar

- A participação dos agrupamentos no processo de selecção dos técnicos;
- A articulação com os Departamentos Curriculares particularmente no que diz respeito às competências e experiências de aprendizagem dos alunos;
- O assumir por parte do PTT da supervisão pedagógica das AEC;
- A programação conjunta das actividades (tendo por base o despacho, as Orientações Programáticas e o Currículo Nacional do Ensino Básico na ausência das OP) e a sua integração no Projectos Curriculares de Escola / turma;
- A articulação entre os Agrupamentos / Entidades Promotoras / Parceiras;
- Adequação dos espaços, nomeadamente para a prática da AFD.

3.2. Ponto de vista das Associações Profissionais

Apresentam-se, de seguida, os aspectos mais relevantes dos relatórios elaborados pelas Associações Profissionais que participam na CAP. A versão integral destes relatórios encontra-se disponível na página da DGIDC.

3.2.1 Ensino do Inglês

Da análise do relatório da APPI evidenciam-se os seguintes aspectos relativos ao Ensino do Inglês:

A APPI reitera que o alargamento da oferta obrigatória do Inglês aos 4 anos de escolaridade, acrescido do número de horas reduzidas no horário da maioria dos técnicos, em virtude da maior parte das escolas continuar a não ter flexibilização dos horários das AEC, fez com que aumentasse a necessidade de mais técnicos nesta actividade. Esse acréscimo fez com que tivessem sido recrutados muitos técnicos que não detinham habilitações para o ensino do Inglês ou prática de ensino a esta faixa etária.

Paralelamente, a grande quantidade de horários reduzidos (uma maioria com 10 tempos, no máximo), com uma contrapartida financeira pouco compensatória, e o aumento de aposentações dos professores do 2º e 3º CEB e do Ensino Secundário fizeram com que muitos dos técnicos inicialmente contratados pelas Entidades Promotoras ou pelas Entidades Parceiras, regra geral os mais qualificados, fossem colocados nas escolas públicas. Este facto veio criar ainda mais lacunas no

recrutamento de técnicos com habilitações e experiência no ensino do Inglês aos mais novos e, concomitantemente, levando a que várias Entidades Promotoras tivessem a necessidade de substituir a oferta do Inglês por outra actividade. Outros casos houve em que os alunos conheceram 2 e 3 professores ao longo do ano ou ficaram sem a actividade por impossibilidade de substituição do professor numa fase já tardia do ano lectivo.

Nas visitas de acompanhamento a APPI constatou casos de técnicos que não detinham as habilitações preconizadas no Despacho das AEC, situação que denota, por um lado, a tentativa da Entidade que recruta (Promotora ou Parceira) de não cumprir o estipulado na legislação e, por outro, a demissão do Agrupamento no envolvimento no processo de recrutamento e de verificação das habilitações.

A APPI congratula-se com o facto de haver cada vez mais e melhor articulação entre a APPI e as DRE. No entanto, e no sentido de minorar algumas situações ainda problemáticas, a APPI propõe que:

- sempre que possível, haja um maior equilíbrio na distribuição das observações das diferentes actividades e da mesa-redonda, de forma a minorar as deslocações dos peritos;
- a escola do perito receba, atempadamente, o ofício com a data e o horário da visita para que aquele possa legalmente faltar ou alterar as suas aulas ou outras actividades da componente não lectiva.

No que diz respeito às observações das aulas, se nos anos anteriores se tinha observado uma progressiva melhoria na prática pedagógica, nomeadamente nas situações em que houve continuidade da Entidade Promotora e/ou do professor no Programa, acrescido do facto de muitos técnicos já terem tido formação na área das metodologias do ensino do Inglês aos mais novos (curso DGIDC online e/ou frequência de outros cursos de formação presenciais), o mesmo já não aconteceu este ano lectivo devido à falta de técnicos.

Da observação das aulas os peritos da APPI destacam como aspectos positivos, em termos metodológicos e relacionais, os seguintes aspectos:

- o uso da língua inglesa por parte de muitos técnicos, tanto na linguagem de sala de aula como na interacção com os alunos;
- o estímulo ao uso do Inglês, por parte dos alunos, criando verdadeiros momentos de interacção que permitem a aprendizagem da língua de uma forma natural,

contrastando com a exploração de listas de vocabulário como único objectivo da aprendizagem;

- a diversificação de actividades e estratégias;
- a inclusão de estratégias de aprendizagem e actividades com recurso ao lúdico e apelando à criatividade dos alunos;
- a avaliação de acordo com as propostas sugeridas nas Orientações Programáticas (OP);
- a motivação dos alunos para a aprendizagem da língua inglesa;
- a boa relação pedagógica;
- o recurso ao reforço positivo, estimulando a participação de todos os alunos nas actividades propostas;
- a adequada gestão de sala de aula.

Apesar de quase todos os técnicos referirem ter conhecimento das OP, nem todos revelaram no seu trabalho a assimilação das mesmas. A observação efectuada demonstrou ainda fragilidades, das quais se destaca a insegurança na tomada de decisões pedagógicas e na elaboração de materiais; a indisciplina que ainda é muito evidente em muitas turmas; o cansaço dos alunos que têm a actividade sistematicamente no final do dia; a ainda, por vezes, débil articulação com o Departamento de Línguas do Agrupamento; e a falta de integração do Inglês e das outras AEC no Projecto Curricular da Turma e da Escola.

A APPI salienta que a responsabilidade não cabe exclusivamente aos técnicos, estas situações são, em muitos casos, motivadas pela falta de apoio por parte de algumas Entidades Promotoras/Entidades Parceiras que têm a seu cargo a colocação dos respectivos técnicos, descurando a sua preparação pedagógica, não prevendo quaisquer mecanismos de formação para os mesmos. Foram detectadas situações que revelaram a falta de informação para os diferentes técnicos nomeadamente informação sobre as OP.

Pela análise dos questionários, a APPI constatou que a articulação horizontal (professor de Inglês - professor titular) já se faz de forma generalizada, a maior parte das vezes com carácter informal e essencialmente ao nível dos dois primeiros pontos: partilha de informação sobre os alunos e reflexão conjunta sobre as competências dos alunos e, mais raramente, na programação de actividades conjuntas.

A articulação vertical (professor de Inglês - Departamento de Línguas do Agrupamento/professor de Inglês do 2º Ciclo) continua a ser um dos pontos fracos na concretização do Programa, apesar de uma evidente preocupação da necessidade da mesma, à medida que os alunos vão chegando ao 5º ano com mais conhecimentos da língua. No entanto, há já Agrupamentos que têm essa prática instituída com periodicidade regular.

A APPI continua a constatar que é nas mesas redondas que, frequentemente, todos os implicados no processo se reúnem pela primeira vez e debatem a implementação das AEC nas suas escolas, nos seus aspectos estruturais e dinâmicos. É também nestas reuniões que os Técnicos/Agrupamentos/Entidades Promotoras/pais/encarregados de educação se consciencializam da importância e dimensão do Programa. A APPI sinaliza, com apreensão, que nem sempre os Coordenadores de Departamento participam nas mesas-redondas, evidenciando a ainda débil articulação vertical, e que o representante da Entidade Promotora ou Parceira denota uma preocupação de cariz meramente administrativo na implementação das AEC.

São de referir alguns aspectos estruturais e organizacionais que continuam a carecer de novos procedimentos:

- a subcontratação de empresas/escolas de línguas por parte da Entidade Promotora, o que implica a multiplicação dos intervenientes e cria situações de pouco controlo no desenvolvimento do Programa, nomeadamente na forma como a verba atribuída foi distribuída e onde se nota muitas vezes que o objectivo primeiro dessas Entidades é o lucro e não a qualidade do serviço prestado;
- o arranque tardio pela falta de técnicos; (Como exemplos: o Algarve - algumas zonas só começaram com o Inglês em Janeiro; ou o Alentejo - turmas que começaram com o Inglês mas foram forçados a cancelar a actividade pela falta de professor)
- a concentração do horário das AEC em grande parte das escolas, num período de 2 horas diárias, entre as 15h30 e as 17h30, tem como consequência horários reduzidos para os técnicos de cada actividade nos Agrupamentos em que não houve recurso à flexibilização dos horários do professor titular;
- a falta de auxiliares de acção educativa de apoio às escolas e aos alunos durante o horário das AEC;

Continua a verificar-se alguma controvérsia no que respeita o pagamento do manual para a actividade de Inglês pelos encarregados de educação, quando há lugar à sua

adopção. Continua a haver Entidades que cobram o pagamento do manual aos alunos não subsidiados. A APPI considera que a Educação Básica é gratuita e as Entidades Promotoras/Parceiras é que deveriam suportar o custo do mesmo, uma vez que o financiamento por parte do ME prevê a compra de materiais para a concretização das actividades.

Apesar de se ter verificado que a maioria dos técnicos possuem as habilitações definidas no Despacho nº 14460/2008, em alguns casos, foi ainda evidente a falta de formação pedagógica para trabalharem com esta faixa etária, a falta de experiência como docentes e, por vezes, a falta de habilitações adequadas, como comprovado nas visitas de acompanhamento e na observação de algumas aulas.

A APPI reitera a necessidade de se delinear uma formação focalizada na didáctica do Inglês, na vertente de curso ou oficina, com a realização de formação mais específica e em contexto local, direccionada aos reais problemas dos docentes, através dos Centros de Formação de Associação de Escolas, com a colaboração de instituições do ensino superior e das associações profissionais.

Apesar de muitas das recomendações terem já sido elencadas em relatórios anteriores, e de muitas já terem sido incorporadas nas práticas dos diferentes intervenientes no Programa, a APPI considera que estas continuam a ser pertinentes, até porque algumas delas não tiveram ainda impacto nos intervenientes a que se destinam.

3.2.2 Ensino da Música

Da análise do relatório da APEM evidenciam-se os seguintes aspectos relativos ao Ensino da Música:

A APEM reafirma a importância de um programa de acompanhamento que, centrado numa metodologia de supervisão pedagógica, permite a construção de uma visão local e simultaneamente global, necessária para a fundamentação da avaliação de determinadas situações e do reconhecimento por parte das escolas e dos técnicos do papel formativo desta monitorização. A observação de aulas, a reunião com o professor da AEC Ensino da Música e a Mesa Redonda incorporam três momentos de um processo de supervisão que permite abrir portas para a reflexão das práticas tanto organizativas como pedagógicas.

A decisão da CAP, no ano lectivo anterior, de estender as visitas ao 2º período e só se repetirem, no 3º período, as visitas onde tivessem sido detectados problemas, teria tido consequências mais positivas, segundo a APEM, se este critério fosse aplicado em todas as DRE. Neste sentido, a APEM faz referência a situações ocorridas na área da DRELVT onde considerou desnecessária a repetição de algumas visitas.

No que se refere aos questionários aplicados, a APEM afirma que estes necessitam de ser reformulados e ajustados a uma realidade que já exige outras informações.

Foi referido em vários relatórios dos peritos que em muitos casos se verificaram melhorias de práticas pedagógicas das primeiras para as segundas visitas. Este facto corrobora o posicionamento da APEM relativamente à importância de um acompanhamento e supervisão dos trabalhos dos técnicos numa perspectiva formativa e em contexto. A APEM sublinha a tendência já referida em relatórios anteriores que aponta para uma diminuição dos níveis insatisfatórios das aulas observadas e o aumento de níveis bons e satisfatórios.

Embora o número de técnicos que têm formação musical insuficiente seja ainda muito preocupante, a APEM constata, no seguimento do relatório anterior, uma melhoria na qualificação dos técnicos. Também se verificou uma melhoria do número de técnicos com componente pedagógica na sua formação. No entanto, estas constatações apenas podem ser consideradas possíveis tendências, dado que nem as amostras do ano anterior nem as deste ano são representativas da totalidade dos técnicos da AEC Ensino da Música.

Como já foi referido em relatórios anteriores, a dificuldade na contratação de técnicos para as AEC - Ensino da Música com perfil adequado tem contribuído para uma maior tendência das Entidades Promotoras desistirem da AEC Ensino da Música e organizarem outras actividades. Mantém-se assim o já verificado em anos lectivos anteriores professores licenciados em Ensino Básico a dinamizarem as AEC nas áreas de Expressão Musical, Expressão Artístico-Musical, Expressões, entre outras.

As mesas redondas continuam a ser momentos, espaços e tempos de oportunidade para se poder reflectir localmente e conjuntamente com todos os intervenientes no Programa sobre os pontos fortes e fracos do funcionamento das AEC e as estratégias possíveis de melhoria.

Foi sugerida, em várias mesas redondas, a importância de reuniões prévias à abertura do ano lectivo, ou seja, na semana imediatamente anterior ao início das aulas, como ponto de partida para uma articulação curricular mais sustentada. No entanto, a dificuldade de contratação atempada de técnicos dificulta esta estratégia assim como a falta de sensibilização de muitas Entidades Parceiras para incluírem este tempo de preparação de aulas na remuneração dos técnicos, nos casos em que a remuneração é paga por hora/ tempo leccionado.

Outra questão muito referida nas mesas redondas foi ainda a pouca articulação do Ensino da Música com o PTT. Também a articulação com o 2º ciclo é praticamente inexistente; a maior parte dos professores do 2º ciclo ainda desconhece as orientações programáticas para as AEC.

Apesar da vontade dos diversos intervenientes em melhorar procedimentos, a maior parte das situações levantadas já tinham sido referidas no acompanhamento e relatório de anos anteriores, e ainda se mantêm, nomeadamente a necessidade de:

- flexibilizar os horários das AEC permitindo uma melhor gestão dos recursos humanos e maior articulação com os trabalhos dos PTT;
- melhorar e adaptar os espaços onde decorrem as AEC;
- apetrechar as escolas com materiais musicais adequados à AEC Ensino da Música;
- verificar os currículos dos técnicos;
- articular as actividades com o professor titular e o Departamento de Expressões;
- formação dos técnicos das AEC;
- contemplar tempos de reunião nos horários dos técnicos;
- valorizar o trabalho dos técnicos das AEC nomeadamente através de remunerações condignas.

No âmbito da parceria entre a DGIDC e a APEM, realizou-se a terceira edição da formação online para os técnicos de Ensino da Música das AEC. A avaliação da formação pelos formandos foi muito positiva, tendo a maioria sugerido a necessidade de mais tempo de formação presencial assim como outras temáticas centradas no desenvolvimento das actividades em sala de aula. A APEM reitera a necessidade da organização e promoção de formação centrada na didáctica do ensino da música em várias modalidades e com diversas durações mas essencialmente direccionada para os problemas concretos dos técnicos.

A APEM considera notório também ao longo deste tempo de acompanhamento, que o sucesso da organização e desenvolvimento das AEC, com todos os princípios, limitações e enquadramentos legais, se tornou uma realidade quando o Agrupamento se constituiu como Entidade Promotora e accionou todos os seus instrumentos de autonomia na gestão deste Programa. Noutras situações, o profissionalismo de excelência e a verdadeira parceria entre as pessoas directamente envolvidas e responsáveis na organização das AEC quer do Agrupamento quer das Autarquias revelou-se o elemento chave também para o sucesso do Programa.